

GF
GALERIA
FRENTE

ART RIO²⁴

FEIRA DE ARTE DO RIO DE JANEIRO

Estande B3

de 25 a 29 de setembro de 2024

CONFIRA NOSSO PREVIEW

A GALERIA FRENTE

Galeria Frente é uma das principais galerias especializadas no mercado secundário de arte moderna e contemporânea brasileira. Fundada por James Acacio Lisboa em 2015, possui 9 anos de existência, desde sua abertura, tem consistentemente fomentado um programa de exposições criterioso, comprometido em apresentar o melhor da arte brasileira, localizada em um dos bairros mais charmosos de São Paulo, Cerqueira César.

Em seu currículo de exposições já apresentou: Mira Schendel, 2015; Antonio Maluf e Hércules Barsotti, 2016; Frans Krajcberg, 2017; Iberê Camargo e Francisco Stockinger, 2018; Gilberto Salvador, 2021; Igor Rodrigues, 2022; Candido Portinari, 2023;“ e “A Realidade Máxima das Coisas”, , **mostra coletiva dedicada a importante presença nipo-brasileira na arte nacional, 2024.**

A Galeria Frente tem como missão facilitar e favorecer o colecionismo de arte no Brasil, por meio da comercialização de arte moderna e contemporânea, nacional e internacional.

Possuí em seu acervo obras dos principais artistas brasileiros modernos e contemporâneos como: Abraham Palatnik, Alberto da Veiga Guignard, Alfredo Volpi, Amilcar de Castro, Anita Malfatti, Antonio Bandeira, Beatriz Milhazes, Candido Portinari, Emiliano Di Cavalcanti, Frans Krajcberg, Genaro de Carvalho, Hercules Barsotti, José Leonilson, Manabu Mabe, Mira Schendel, Tarsila do Amaral, Tomie Ohtake, Vik Muniz, Willys de Castro **entre outros.**

GALERIA FRENTE NA ARTE RIO

É a sexta participação da Galeria Frente radicada em São Paulo na maior feira de arte do Rio de Janeiro, ArtRio- que está em sua 14ª edição. Para este evento a Galeria Frente apresentará obras do seu acervo que compreende arte moderna e contemporânea brasileira. Serão apresentadas aproximadamente 40 obras de 39 artistas que são os mais emblemáticos das artes nacionais, tais como: Abraham Palatnik, Alfredo Volpi, Aluísio Carvão, Amilcar de Castro, Angelo Venosa, Anna Maria Maiolino, Antônio Bandeira, Antonio Maluf, Arcangelo Ianelli, Arthur Piza, Ascânio MMM, Beatriz Milhazes, Burle Marx, Candido Portinari, Cícero Dias, Di Cavalcanti, Djanira da Motta e Silva, Eduardo Sued, Eleonore Koch, Ernesto Neto, Genaro de Carvalho, Hércules Barsotti, Hermelindo Fiaminghi, Judith Lauand, Julio Le Parc, Luiz Sacilotto, Manabu Mabe, Maria Polo, Maurício Nogueira Lima, Mira Schendel, OsGemeos, Paulo Roberto Leal, Samson Flexor, Sérgio Camargo, Sérvulo Esmeraldo, Sérvulo Esmeraldo, Tomie Ohtake, Tunga e Willys de Castro.

ACESSE NOSSO SITE E CONFIRA.

www.galeriafrente.com.br

CONFIRA NOSSO PREVIEW

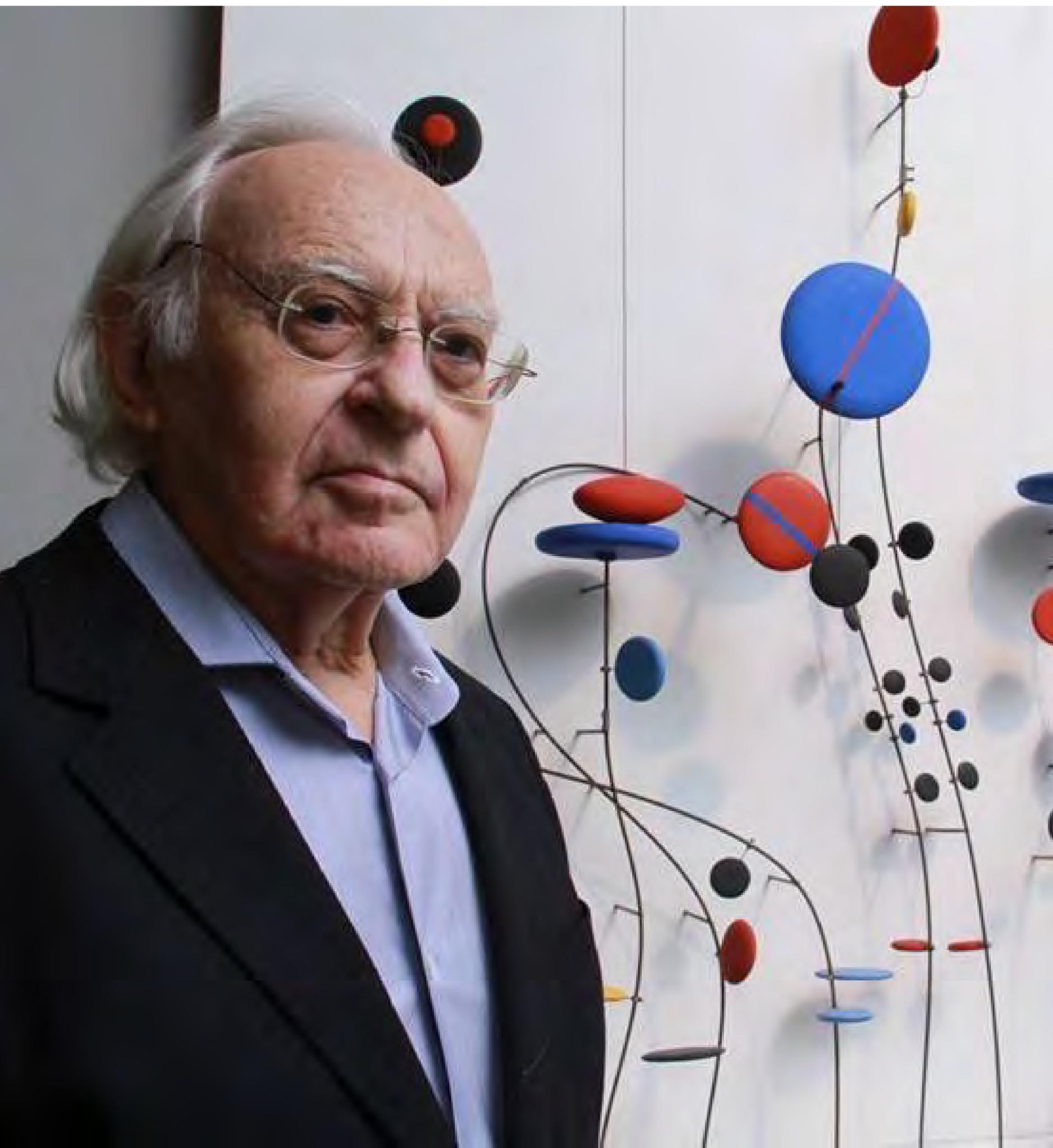
The image shows a vertical wooden panel with a decorative, wavy, dark-stained pattern. The pattern consists of vertical, elongated, wavy shapes that resemble stylized leaves or abstract forms, arranged in a repeating sequence. The wood grain is visible, and the overall color palette ranges from light tan to dark brown. The text "ABRAHAM PALATNIK" is centered horizontally across the middle of the panel.

ABRAHAM PALATNIK

ABRAHAM PALATNIK

(Natal, Rio Grande do Norte, 1928 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020).

Artista cinético, pintor, desenhista. Considerado um dos pioneiros da chamada arte cinética no Brasil, expande os caminhos das artes visuais ao relacionar arte, ciência e tecnologia. De modo criativo, e ao longo de seus mais de 60 anos de carreira, desenvolve maquinários com experimentações artísticas e estéticas diversas. Ao criar composições que partem da cor, mas ultrapassam o limite da pintura, o artista é consagrado pioneiro em explorar as conquistas tecnológicas na criação de vanguarda brasileira, habilitando as máquinas para gerar obras de arte.





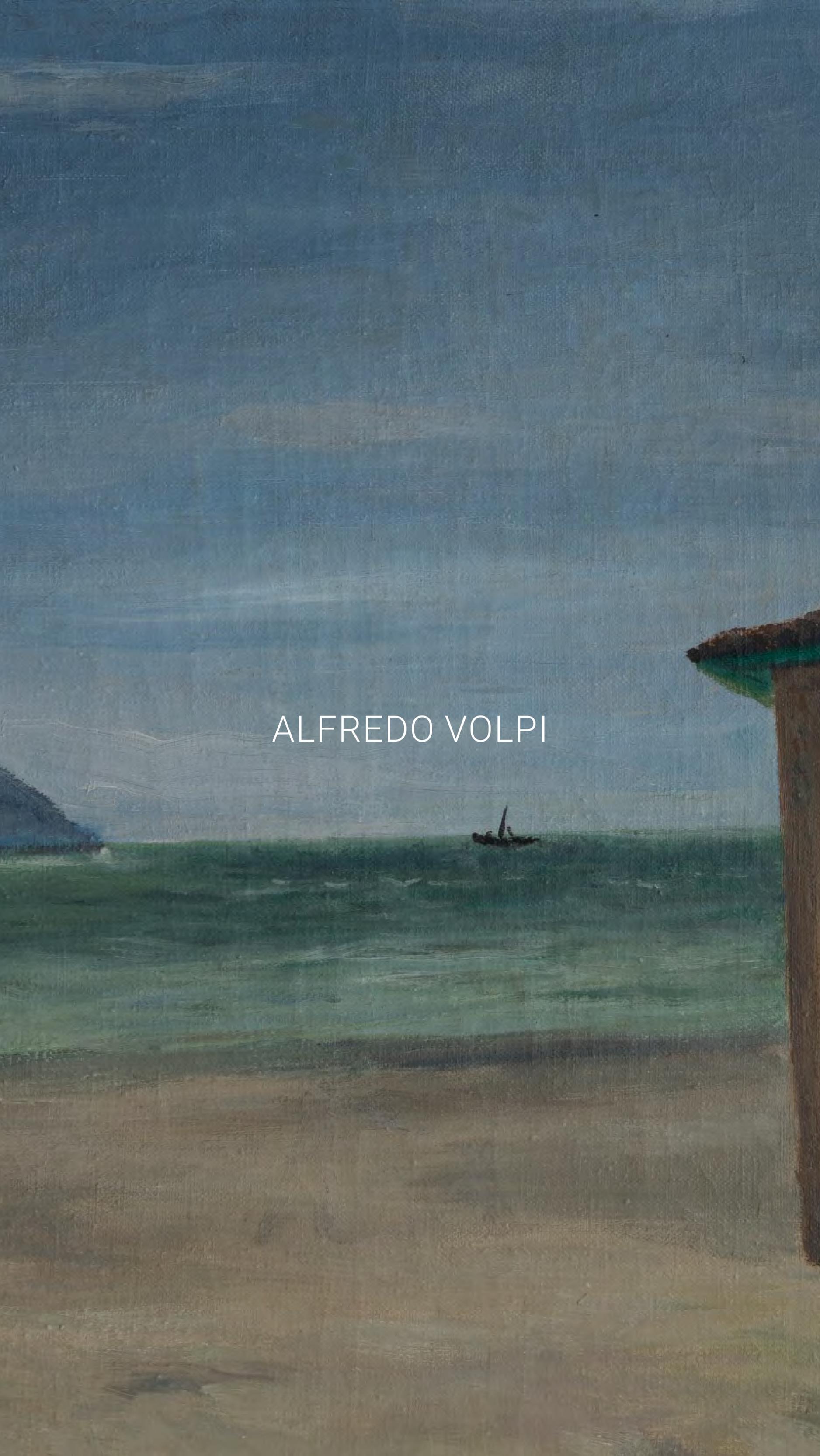
Abraham Palatnik

Progressão, 1967

jacarandá

40 x 30 cm

assinatura no verso

The painting is a landscape scene. The sky is a vast, textured expanse of blue and grey, suggesting a hazy or overcast day. Below the sky, a body of water in shades of green and blue stretches across the middle ground. A small, dark boat with a single mast is positioned in the center of the water. In the foreground, a sandy or muddy shore is depicted in warm, earthy tones of brown and tan. On the right side, the corner of a building with a flat, reddish-brown roof is visible. The overall style is characteristic of Volpi's work, with visible brushstrokes and a focus on color and light.

ALFREDO VOLPI

(Lucca, Itália 1896 – São Paulo, São Paulo, 1988).

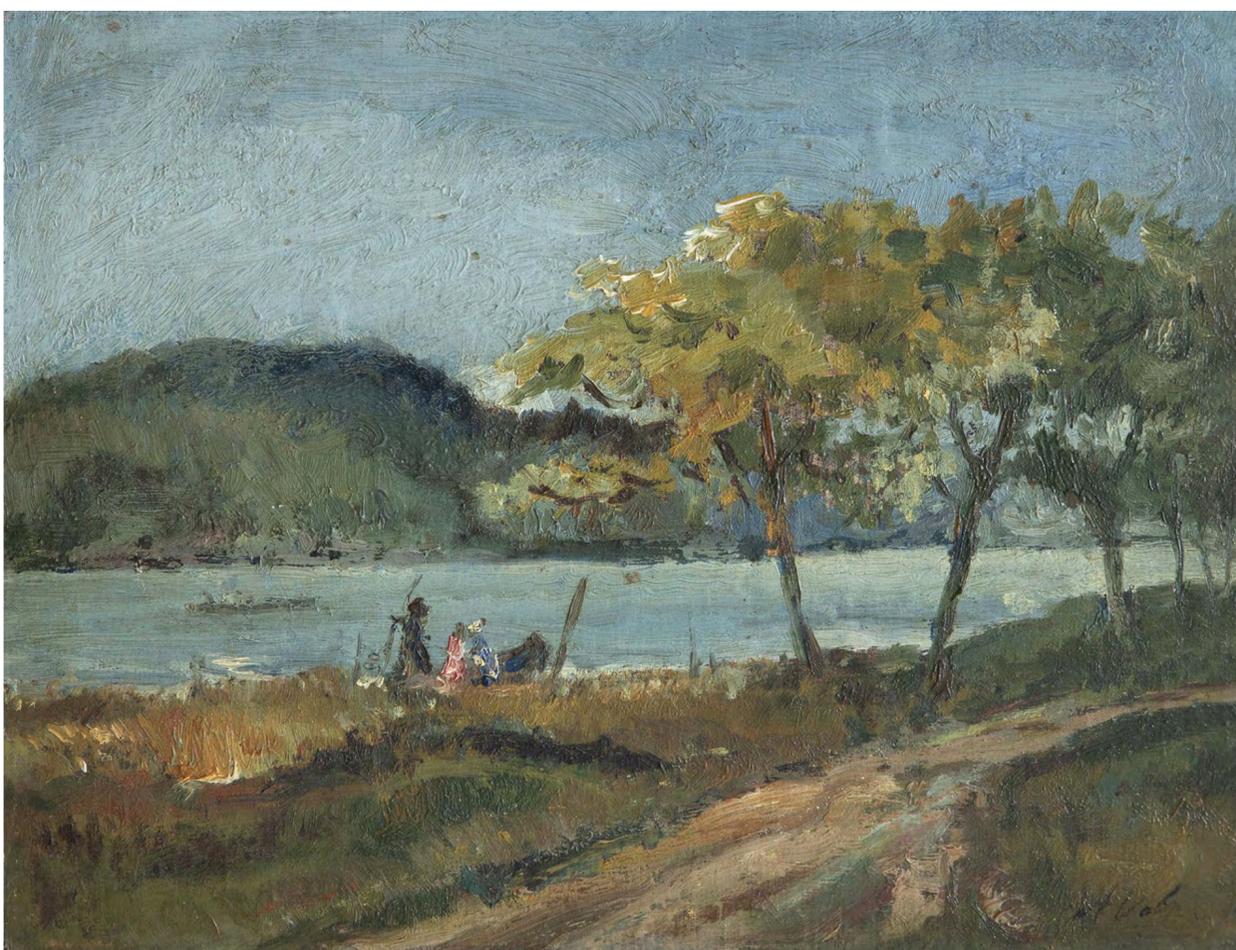
Foi um pintor ítalo-brasileiro considerado um dos mais destacados pintores da Segunda Geração da Arte Moderna Brasileira. Suas pinturas são caracterizadas por casarios e bandeirinhas coloridas. Com uma trajetória singular e passagem por distintas vertentes da pintura, Volpi destaca-se por suas paisagens, temas populares e religiosos, como a série de bandeirinhas de festa junina.

Em 1897, chega ao Brasil com pouco mais de um ano e instala-se com a família no Cambuci, tradicional bairro de São Paulo. Estuda na Escola Profissional Masculina do Brás e, na juventude, trabalha como marceneiro, entalhador e encadernador. Em 1911, inicia a carreira como aprendiz de decorador de parede, pintando frisos, florões e painéis de residências. Na mesma época começa a pintar sobre madeira e tela.

Participa pela primeira vez de uma exposição coletiva no Palácio das Indústrias de São Paulo, em 1925, momento em que privilegia retratos e paisagens. Por causa da grande sensibilidade na representação da luz e da sutileza no uso das cores, é comparado aos impressionistas. Outras obras da década de 1920, no entanto, contam com traços que remetem a composições românticas.

Premiado em várias oportunidades, como o de melhor pintor brasileiro na II Bienal de São Paulo (1953), esteve na Bienal de Veneza (1952, 1954, 1962 e 1964), e integrou importantes exposições em cidades como Tóquio, Paris, Buenos Aires, Roma e Nova York. Em seu aniversário de 90 anos, o MAM-SP fez a exposição Volpi 90 Anos. Morreu em São Paulo em 1988 e a Pinacoteca do Estado de São Paulo expõe Volpi - projetos e estudos em retrospectiva, Décadas de 40-70.





Alfredo Volpi

Paisagem de Santos, déc. 1920/30

óleo sobre tela colado em placa

30 x 37 cm

assinatura inf. dir.

Registrada no Catálogo Raisonné de Volpi ACOAV 0071. Publicada no Alfredo Volpi: Catálogo de obras. Instituto Alfredo Volpi de Arte Moderna. São Paulo, 2015. P. 35.

Ex-coleção Domingos Giobbi.



Alfredo Volpi

Itanhaém, 1940

óleo sobre tela

57 x 80 cm

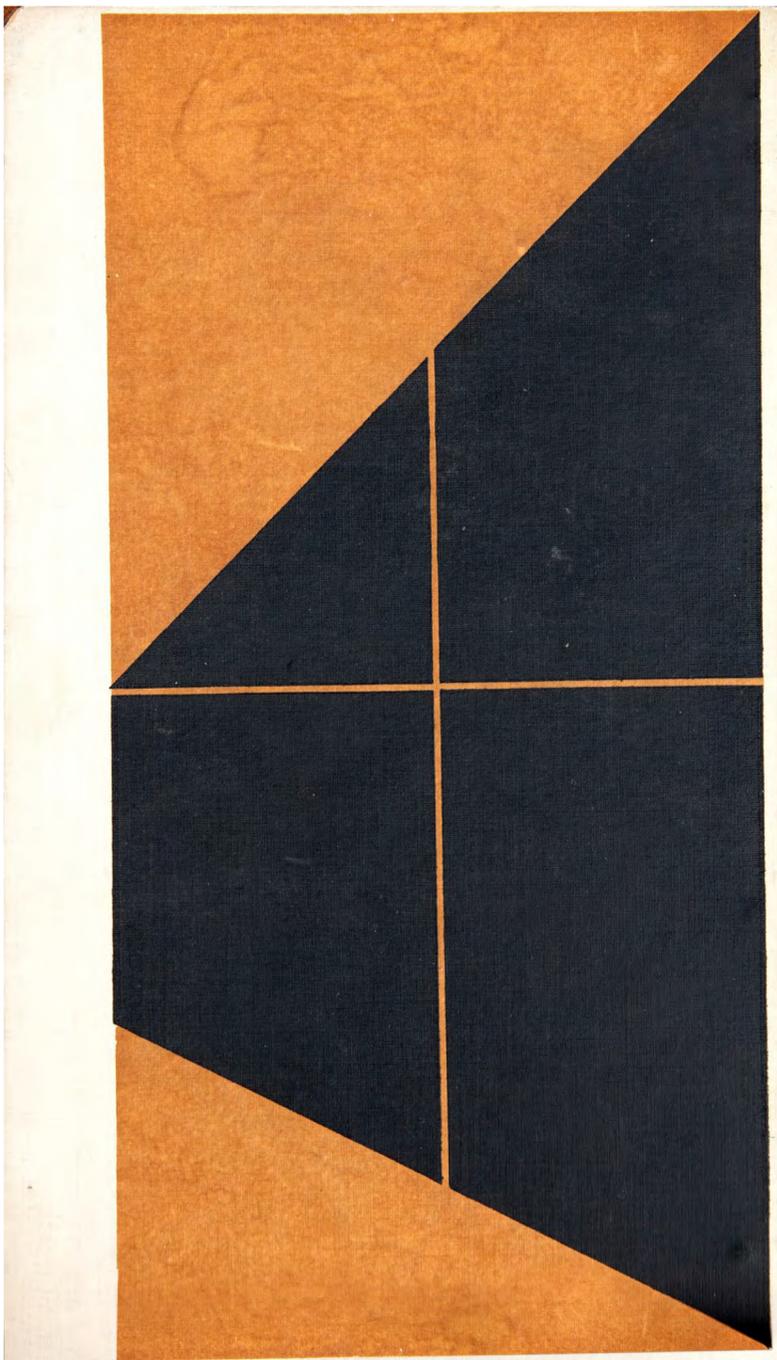
assinatura inf. dir.

Registrada no Catálogo Raisonné de Volpi ACOAV 0053. Publicada no Alfredo Volpi: Catálogo de obras. Instituto Alfredo Volpi de Arte Moderna. São Paulo, 2015. P. 94.

Participou da exposição: Retrospectiva Volpi, Museu de Arte Moderna de São Paulo - 10/1975 - 11/1975. Reproduzido no catálogo da mostra: COELHO, Diná Lopes (Org.). Retrospectiva Alfredo Volpi. Apres. Paulo Mendes de Almeida. São Paulo: Museu de Arte Moderna, 1975. sem página.

Ex-coleção Domingos Giobbi

CONFIRA NOSSO PREVIEW

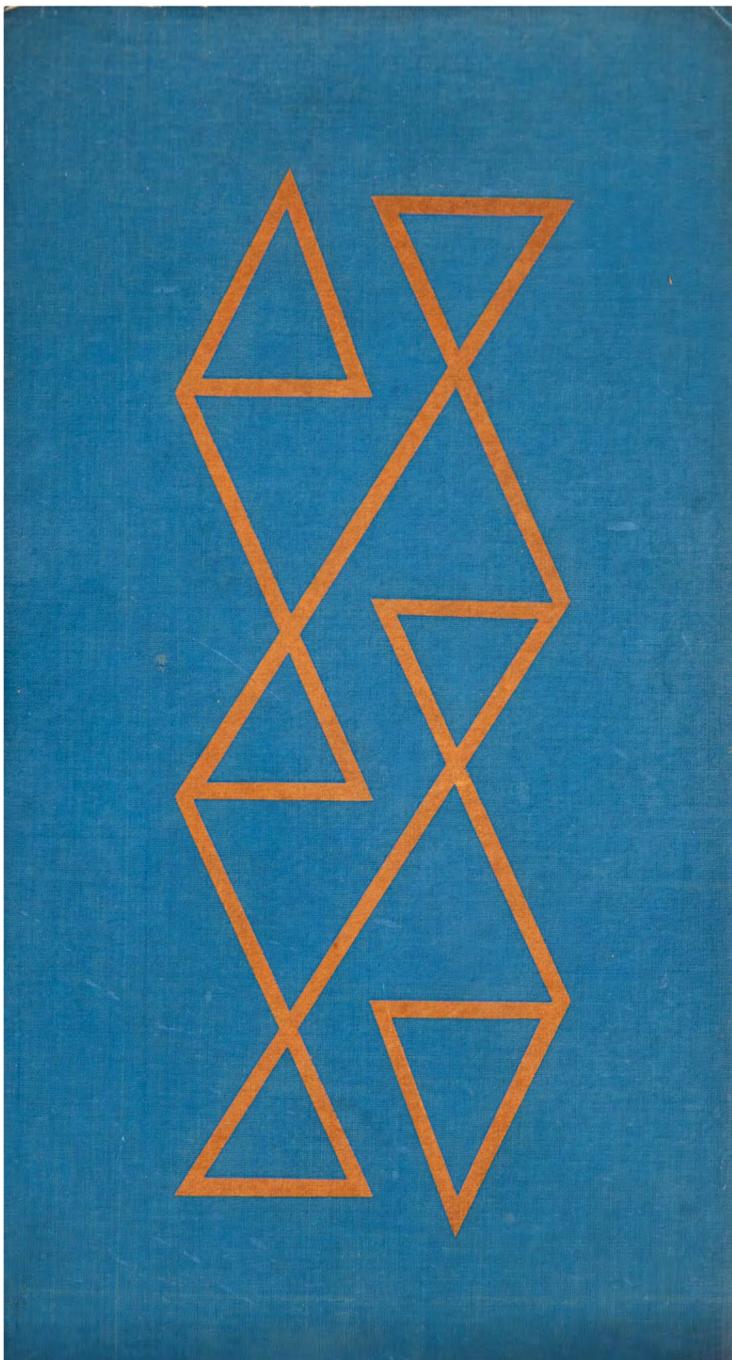


Alfredo Volpi

Sem Título, Déc. 50
têmpera sobre cartão
23 x 13 cm

Ex coleção:
Augusto de Campos

Ex coleção:
Orandi Momesso



Alfredo Volpi

Sem Título, Déc. 50
têmpera sobre cartão
23,5 x 13 cm
assinatura no verso

Ex coleção:
Augusto de Campos

Ex coleção:
Orandi Momesso



Alfredo Volpi

Sem Título, Déc. 60
têmpera sobre tela
47,5 x 31,5 cm
assinatura inf. dir.

Reproduzido no Raisoné do Artista na pág. 263,
sob registro ACOAV 1861.

AMILCAR DE CASTRO

AMILCAR DE CASTRO

(Paraisópolis, Minas Gerais, 1920 – Belo Horizonte, Minas Gerais, 2002).

Escultor, gravador, desenhista, diagramador, cenógrafo, professor. Um dos principais artistas plásticos brasileiros do século XX, Amilcar de Castro promoveu inflexões radicais e inovadoras no campo da escultura e da geometria, tornando-se referência incontornável para essa forma de expressão artística, tanto no Brasil quanto no mundo.

Em 1960, participa da Mostra Internacional de Arte Concreta, organizada em Zurique por Max Bill. Em 1968, vai para os Estados Unidos, conjugando bolsa de estudo da Guggenheim Memorial Foundation com o prêmio de viagem ao exterior obtido na edição de 1967 do Salão Nacional de Arte Moderna (SNAM). Nesse período, realiza algumas esculturas que partem de anéis, chapas e fios de aço. Essas peças, às quais não dá sequência, possuem diferentes pontos de equilíbrio no solo.

De volta ao Brasil, em 1971, fixa residência em Belo Horizonte. Torna-se professor de composição e escultura da Escola Guignard, na qual trabalha até 1977, inclusive como diretor. Entre as décadas de 1970 e 1980, leciona na Faculdade de Belas Artes da UFMG. Nesse período, retoma intensamente o desenho e dá continuidade à escultura anterior ao período americano.





Amilcar de Castro

Sem Título, dec. 80
escultura em aço cortém
50 x 50 x 2,5 cm
assinatura na peça

Registrada no Instituto Amilcar de Castro sob nº CA 001.334.



ANGELO VENOSA

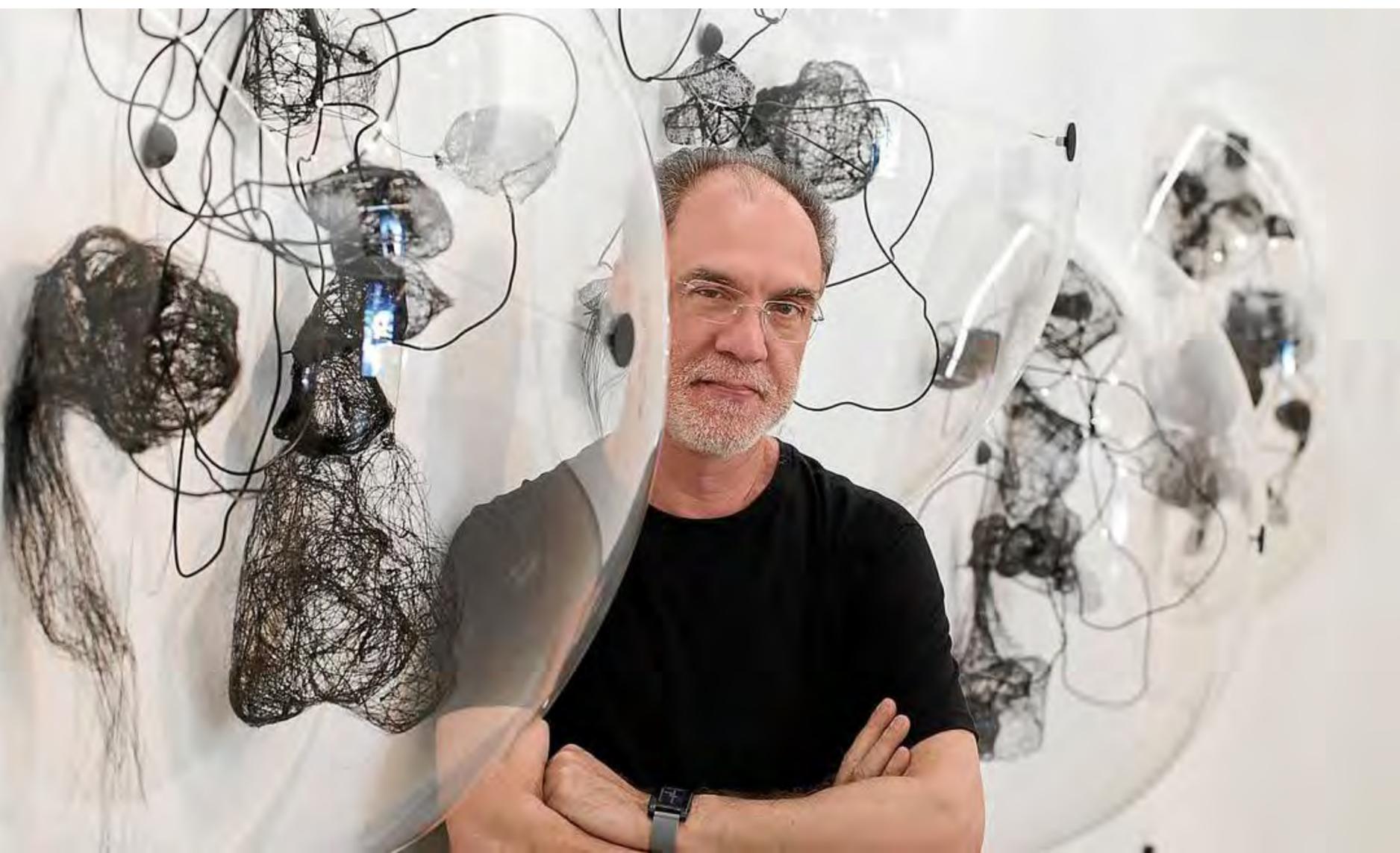
ANGELO VENOSA

(São Paulo, SP, 1954 - Idem, 2022).

Um dos poucos artistas egressos da chamada Geração 80 que se dedica ao trabalho escultórico, Angelo Venosa se notabiliza pelo uso de materiais díspares provenientes tanto da natureza quanto do universo industrial. Com essa abordagem estética, o gesto formalizador do artista dialoga intensamente com as questões da organicidade do material.

A manipulação de materiais em camadas para construção de formas passa a ser a tônica de seus trabalhos recentes, como as esculturas em lâminas de vidro. Nelas a clareza da estrutura é confrontada à forma final. Com uma intervenção urbana no evento Arte/Cidade/Zona Leste, em 2002, Angelo Venosa reitera o interesse pela polarização organização/desorganização ao pendurar nas estruturas metálicas do teto de um antigo galpão ferroviário cordas que mimetizam o esqueleto arquitetônico do galpão. Tal ação, em vez de enfatizar a estrutura original, a liquefaz e estabelece em seu lugar uma geometria maleável, que em seu dinamismo poderia apontar para a falta de estruturação fixa da cidade de São Paulo.

As estruturas tridimensionais de Angelo Venosa exploram uma horizontalidade pouco usual na escultura brasileira. Há nelas o contraste evidente entre o que é orgânico e o que é formalização artística. Essa oposição é reforçada em grande medida pela utilização de materiais que se situam na fronteira entre a natureza e a sociedade moderna industrial.





Angelo Venosa

Sem Título, 1986

escultura em técnica mista

183 x 125 x 24 cm

[CONFIRA NOSSO PREVIEW](#)

ANNA MARIA MAIOLINO

ANNA MARIA MAIOLINO

(Scalea, Itália, 1942).

Gravadora, pintora, escultora, artista multimídia e desenhista. Por meio de uma obra com viés político e provocadora, Maiolino investiga diferentes materiais e explora diversos meios de expressão, como a xilogravura, a fotografia, o filme, a instalação e a performance. A obra de Anna Maria Maiolino no campo das artes visuais aborda temas políticos, urbanos, cotidianos e referentes ao papel da mulher. A atuação em variadas formas de expressão promove uma investigação sobre o próprio processo do fazer artístico.

Em 1954, devido à escassez provocada pelo pós-guerra na Itália, muda-se para Caracas, Venezuela, onde estuda na Escuela de Artes Plásticas Cristóbal Rojas entre 1958 e 1960, ano em que se transfere para o Brasil. Em 1961, inicia o curso de gravura em madeira na Escola Nacional de Belas Artes (Enba), no Rio de Janeiro. Apesar da origem italiana, a formação artística de Maiolino é sobretudo latino-americana.

Em 1968, muda-se para os Estados Unidos, onde permanece por cerca de três anos e estuda no Pratt Graphic Center, em Nova York. Na década de 1970, ao voltar para o Brasil, começa a trabalhar com diversas mídias, como a fotografia e o filme. Aos poucos, Maiolino concentra-se no aspecto manual do fazer artístico e passa a usar quase exclusivamente a argila. Elabora projetos com grande quantidade desse material, em que a repetição do gesto e seu registro na matéria assinalam enorme concentração de energia.

Em 2002, realiza em Nova York uma exposição retrospectiva acompanhada do livro *A Life Line/Vida Afora*. Em 2008, participa da 16ª Bienal de Sydney, Austrália, e, em 2012, apresenta na Documenta 13, em Kassel, Alemanha, a instalação *Here & There*, trabalho oriundo de montagens anteriores de *Terra*.





Anna Maria Maiolino

São Três, 1990

escultura em gesso moldado

30 x 78 x 10 cm

assinatura no verso

ARCANGELO IANELLI

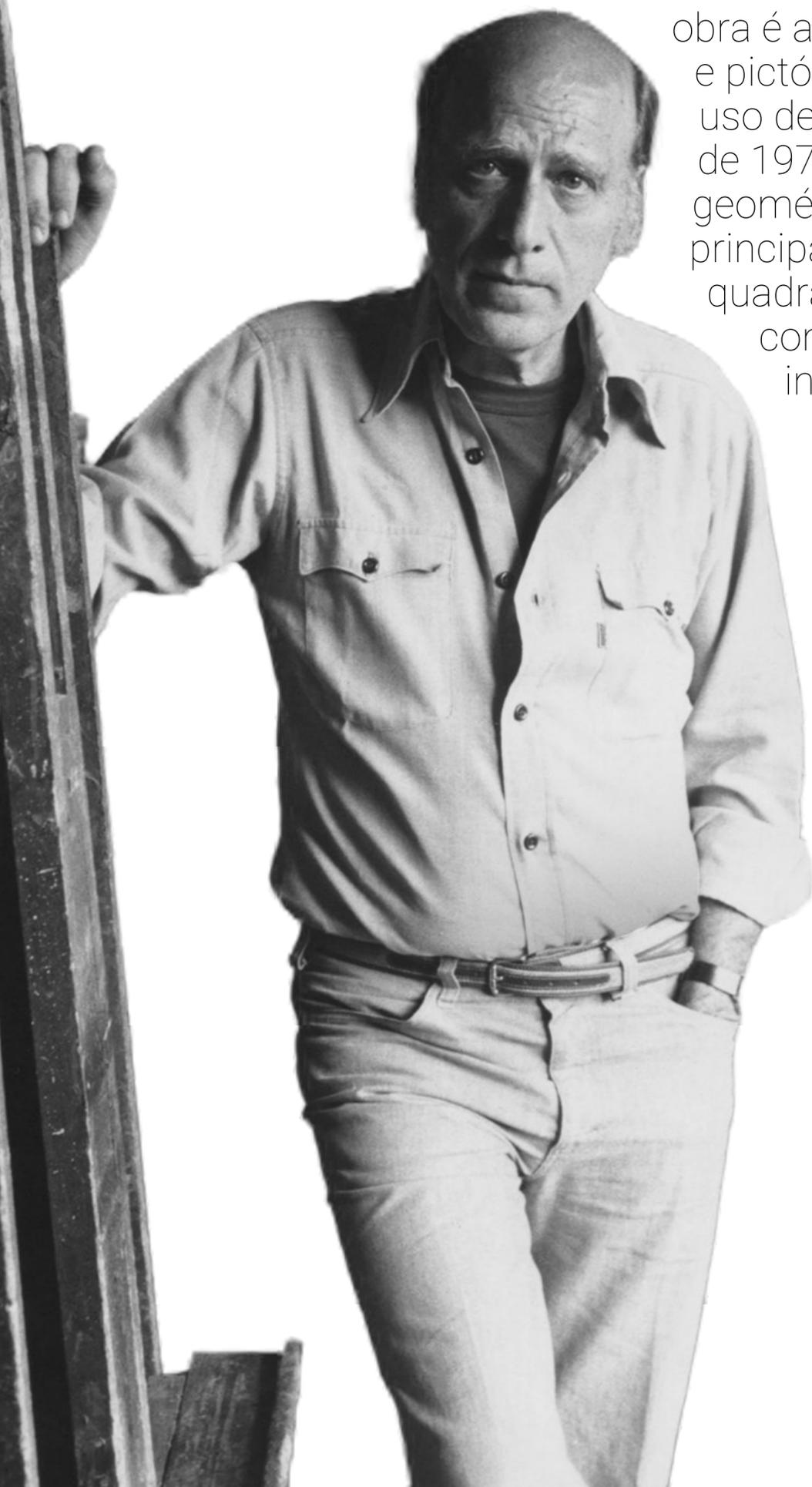
(São Paulo, SP, 1922 - idem 2009).

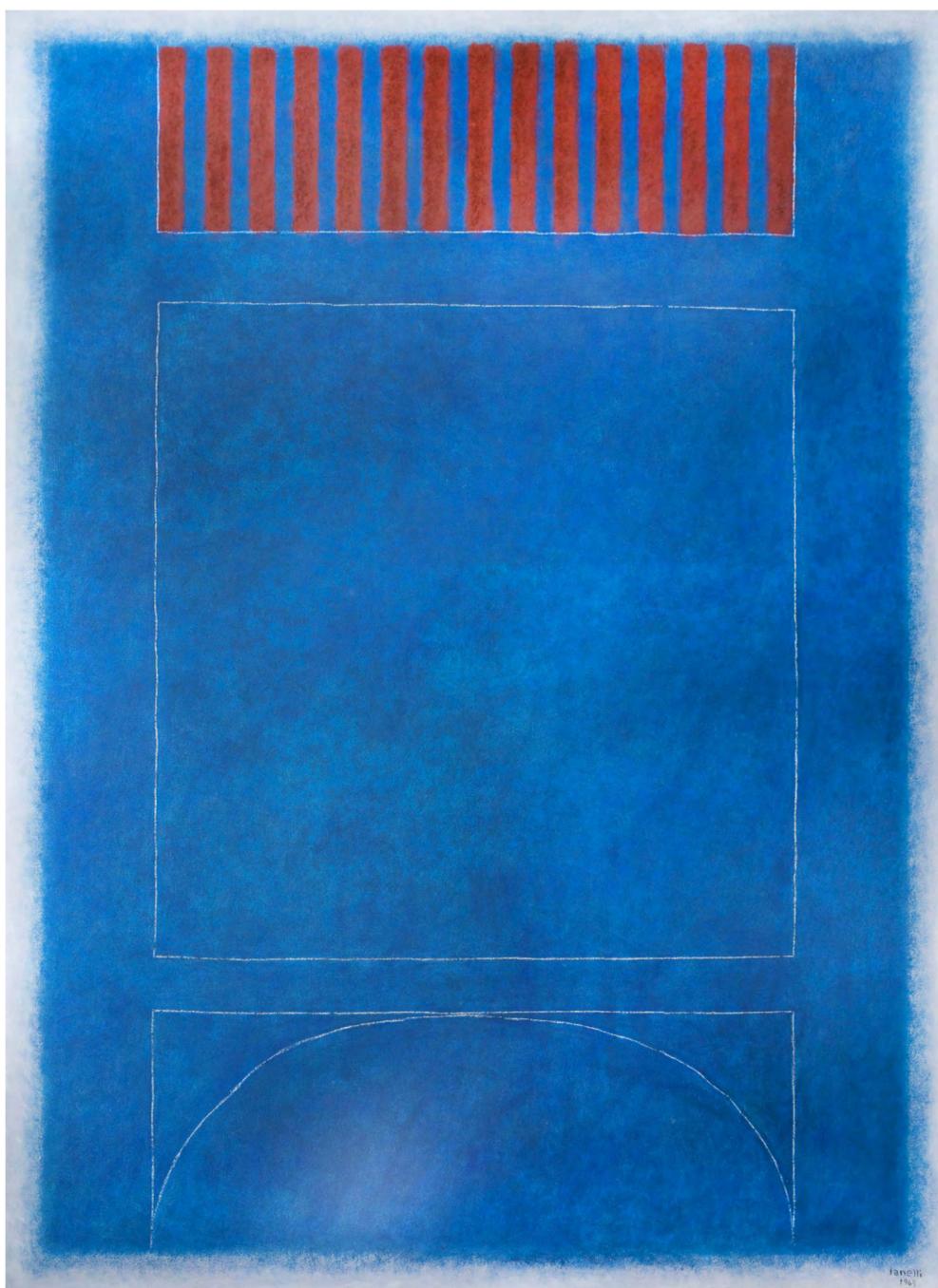
Inicia-se no desenho como autodidata. Em 1940, estuda perspectiva na Associação Paulista de Belas Artes e, em 1942, recebe orientação em pintura de Colette Pujol (1913-1999). Dois anos depois, frequenta o ateliê de Waldemar da Costa (1904-1982) com Lothar Charoux (1912-1987), Hermelindo Fiaminghi (1920-2004) e Maria Leontina (1917-1984).

Durante a década de 1950 integra o Grupo Guanabara juntamente com Manabu Mabe (1924-1997), Yoshiya Takaoka (1909-1978), Jorge Mori (1932), Tomoo Handa (1906-1996), Tikashi Fukushima (1920-2001) e Wega Nery (1912-2007), entre outros. A partir da década de 1940, produz cenas cotidianas, paisagens urbanas e marinhas, que revelam grande síntese formal e uma gama cromática em tons rebaixados. Por volta dos anos 1960, volta-se ao abstracionismo informal e produz telas que apresentam densidade matéria e cores escuras.

No fim dos anos 1960, sua obra é ao mesmo tempo linear e pictórica, onde se destaca o uso de grafismos. Já a partir de 1970, volta-se à abstração geométrica e emprega principalmente retângulos e quadrados, que se apresentam como planos superpostos e interpenetrados.

Em 1973, Ianelli radicaliza o processo de estruturação de suas telas e parte para a abstração geométrica. Divide a tela em formas regulares e busca uma relação rítmica entre elas. As pinturas guardam semelhanças com alguns trabalhos do concretismo.





Arcangelo Ianelli

Sem Título, 1968

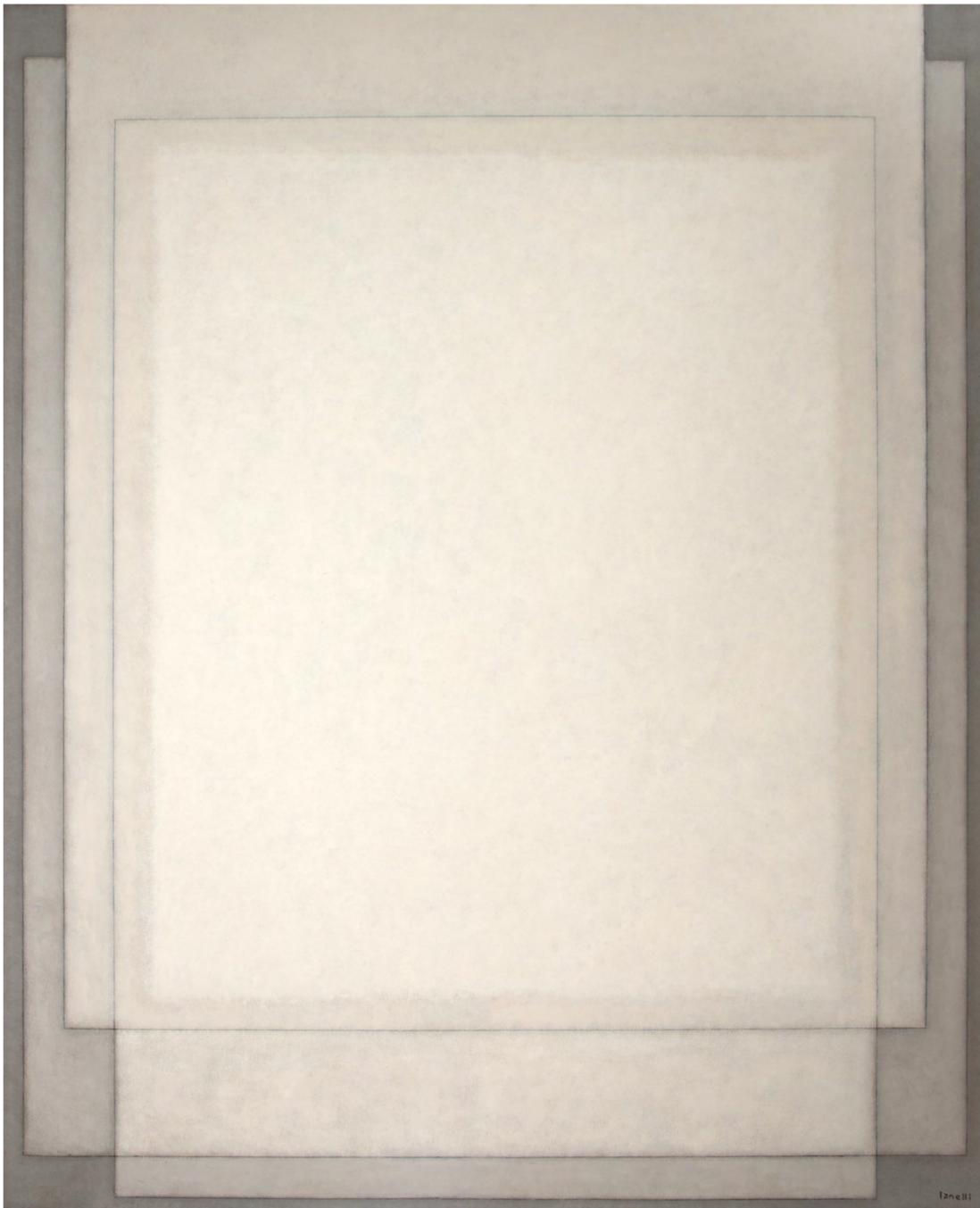
óleo sobre tela

180 x 130 cm

assinatura inf. dir.

Registrado sob o TOMBO GROSST 8.

CONFIRA NOSSO PREVIEW



Arcangelo Ianelli

Sem Título, 1976

óleo sobre tela

180 x 145 cm

assinatura inf. dir.

Registrado sob tombo: GOST 21.

Reproduzido nos livros: "Ianelli", pág. 176 e Catálogo do MAM -
"Ianelli 100 anos": O artista essencial.



ARTHUR LUIZ PIZA

ARTHUR LUIZ PIZA

(São Paulo, São Paulo, 1928 – Paris, França, 2017).

Gravador, desenhista, escultor. Apesar de ser pouco conhecido pelo público, é reconhecido pela crítica como um dos maiores artistas na história da gravura. Tratado como o mestre das gravuras construtivistas em relevo, tem uma vasta produção que reflete sua constante pesquisa por novos materiais e os modos de empregá-los. Explorando o contraste entre linhas fluidas e formas geométricas, equilibra o racionalismo do construtivismo e a liberdade do informalismo, vertentes da arte abstrata, destacando-se como um dos mais importantes gravuristas do mundo.

Inicia a formação artística em 1943, estudando pintura e afresco com Antonio Gomide (1895-1967). Após participar da 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, viaja para a Europa e passa a residir em Paris. Lá estuda com o alemão Johnny Friedlaender (1912-1992), importante artista do século XX, e se aperfeiçoa nas técnicas de gravura em metal, água-forte, talho-doce, água-tinta e ponta-seca. Suas primeiras gravuras dialogam com as de Friedlaender pelo grafismo irregular e pelas nuances surrealistas.

Gradualmente, suas obras apresentam maior preocupação construtiva, com a geometrização dos elementos. Introduz na gravura uma nova forma de trabalho: passa a esculpir, na placa de metal, formas geométricas – arredondadas, retangulares ou triangulares – com a utilização de buril, diferentes goivas, prego e martelo. As gravuras geradas exploram a transição entre as áreas de diferentes profundidades e também o jogo criado com a luz.

Piza percebe então que é possível traduzir esse procedimento para a pintura. Em 1959, passa a fazer relevos, picotando algumas aquarelas feitas à época e aproveitando os pequenos fragmentos para realizar colagens sobre tela, papel, cobre e madeira, à maneira de mosaicos, que, por vezes, são recobertos com camadas de tinta. Segundo o artista, o material é organizado com base na procura do ritmo próprio de cada composição, independentemente das outras já prontas.

O cuidado com que Arthur Luiz Piza concilia ordem e liberdade, assim como a constante exploração de novos materiais e meios para produzir suas obras, faz dele um dos grandes nomes da gravura no cenário internacional e também da arte abstrata no Brasil.





Arthur Piza

Sem Título, 1962

colagem de papel aglomerado

97 x 80 cm

Reproduzida no livro "Arthur Luiz Piza". São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p.74 e 75.



Arthur Piza

A 82, 1999

acrílico e colagem sobre cartão

39 x 27 cm

Etiqueta do Gabinete de Arte Raquel Arnaud.

The image is a vertical composition featuring a central, detailed rose rendered in shades of blue and purple. The rose is surrounded by a complex, swirling pattern of small, circular dots in various shades of blue, white, and purple. The background is a dark, textured brown. The overall effect is one of intricate detail and vibrant color contrast.

BEATRIZ MILHAZES

BEATRIZ MILHAZES

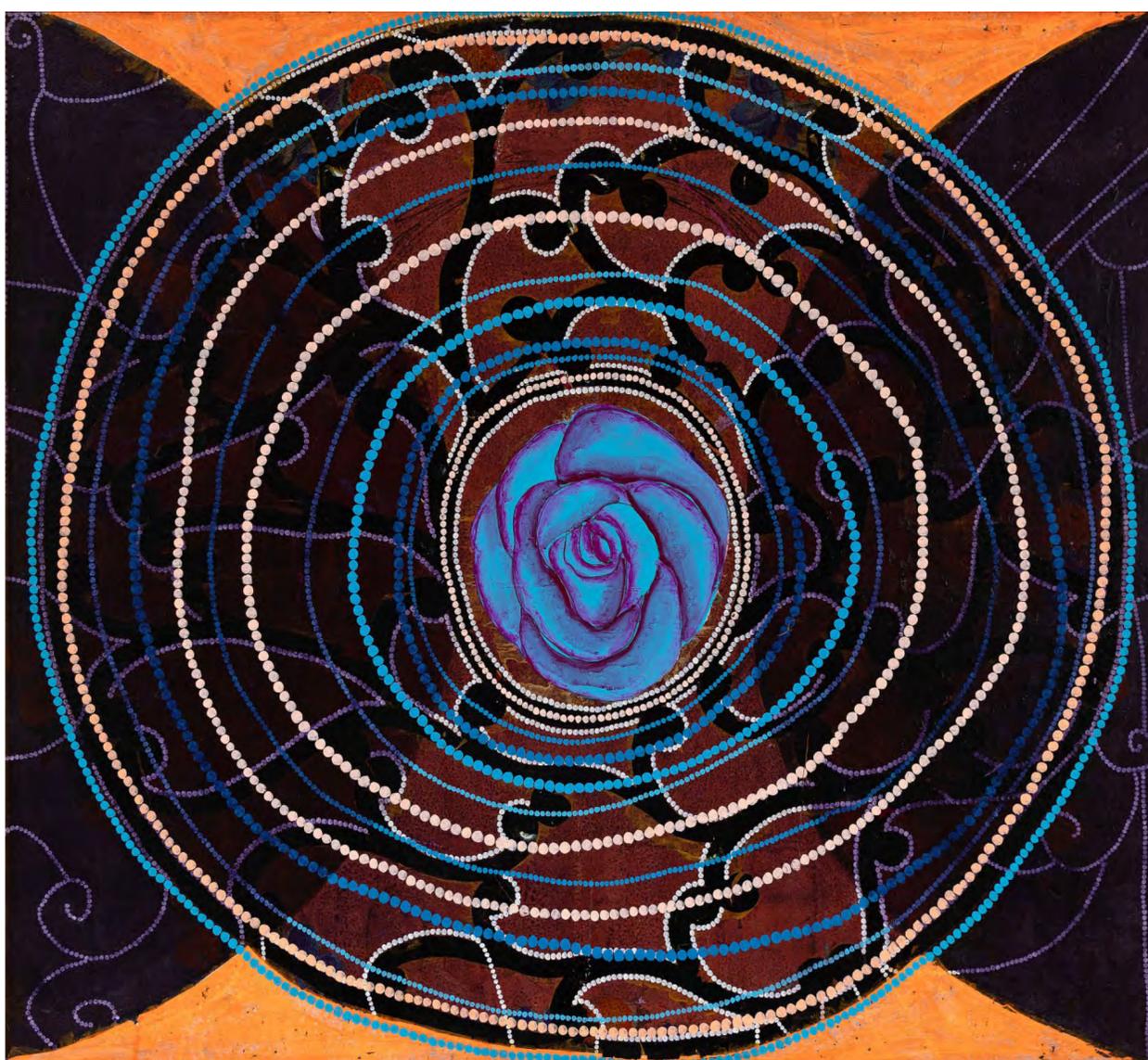
(Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1960).

Cursa a Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV/Parque Lage), em 1983, no Rio de Janeiro. Atua como professora de pintura até 1996, na mesma instituição. As obras criadas por Beatriz Milhazes na década de 1980 revelam uma tensão entre figura e fundo, entre representação e ornamentalismo, com o uso de figuras que se repetem, arabescos, flores e colunas. Explora diferentes técnicas e materiais, experimentando as potencialidades da escultura. Sua obra se caracteriza pelo uso da cor, de estruturas geométricas, arabescos, florais e motivos ornamentais para criar composições de intenso dinamismo óptico. A colagem é parte importante da construção de suas imagens e aparece com o uso de materiais diversos, como papéis (de bala, coloridos) e tecidos recortados (chitão). Com experimentação em monotipia, Milhazes desenvolve sua técnica de construção da pintura baseada na colagem, criando os motivos em filmes plásticos e transferindo-os para a tela quando secos. A artista pode então criar os próprios elementos a serem usados nas pinturas.

Beatriz Milhazes frequentemente trabalha com formas circulares, sugerindo deslocamentos ora concêntricos, ora expansivos. A transferência de imagens da superfície lisa, pelo uso de película plástica, para a tela faz com que a gestualidade seja quase anulada. A matéria pictórica obtida por numerosas sobreposições não apresenta qualquer espessura, pois os motivos de ornamentação e arabescos são colocados em primeiro plano. O olhar do espectador é levado a percorrer todas as imagens, acompanhando a exuberância gráfica e cromática dos quadros.

Milhazes propõe uma relação não passiva com o espectador, que caminha com os olhos por suas telas, colagens e esculturas, buscando pequenos detalhes e se perdendo no acúmulo, na tensão cromática, na repetição, em movimentos e ornamentos que remetem à história da arte, ao barroco, ao pop, à cultura popular brasileira. A cor, a proporção e o ritmo estão no centro do seu pensamento estético na colagem, escultura, arquitetura e pintura.





Beatriz Milhazes

Miss and Mrs, 1993

óleo sobre tela

95 x 87 cm

assinatura no verso

Participou da exposição: "Rosas Brasileiras", Farol Santander, São Paulo, 2024.

CONFIRA NOSSO PREVIEW



BURLE MARX

BURLE MARX

(São Paulo, SP, 1909 – Rio de Janeiro, RJ, 1994).

Durante a infância, vive no Rio de Janeiro. Em 1928, muda-se com a família para Berlim, na Alemanha, e entra em contato com as obras de artistas consagrados, como o holandês Vincent van Gogh (1853-1890), o espanhol Pablo Picasso (1881-1973) e o alemão Paul Klee (1879-1940).

Em 1929, frequenta o ateliê de pintura de Degner Klemn. De volta ao Rio de Janeiro, estuda entre 1930 e 1934 pintura e arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes (Enba). Na pintura, inicialmente se dedica a naturezas-mortas com motivos da flora brasileira, em traços sinuosos e uma paleta de tons sóbrios. Nos retratos, realistas, aproxima-se de Candido Portinari e Di Cavalcanti (1897-1976).



A partir da década de 1950, sua pintura atinge uma linguagem particular: a tendência para a abstração se consolida e a paleta passa a incluir nuances de azul, verde e amarelo mais vivos. O trabalho com a cor está associado ao desenho, que se sobrepõe e estrutura a composição.

Nos anos 1980, passa a realizar composições geométricas em acrílico: com contornos desenhados com a cor, as telas têm aspecto fluído e flexível, ganhando leveza. Embora tenham como base a natureza, apresentam essencialmente caráter abstrato, com predominância de elementos lineares.



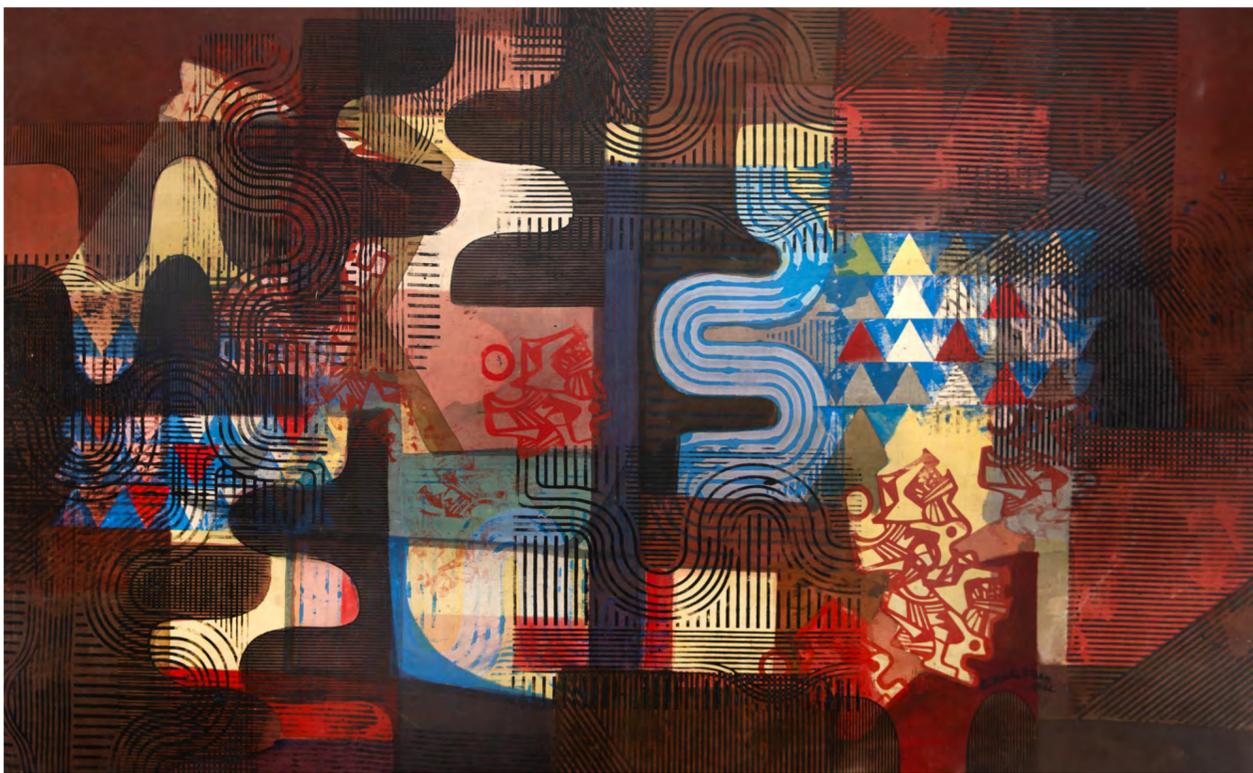
Burle Marx

Natureza Morta - Begônias e Alocásia 1939

óleo sobre tela

73 x 60 cm

Reproduzida no livro "Burle Marx - Uma Poética da Modernidade", pág. 63. Etiqueta de Exposição do Museu de Arte da Prefeitura de Belo Horizonte/MG.



Burle Marx

Sem Título, 1986

panneaux

assinatura inf. dir.



CANDIDO PORTINARI

CANDIDO PORTINARI

(Brodósqui, SP, 1903 – Rio de Janeiro, RJ, 1962).

É um dos maiores expoentes da arte brasileira, não apenas por suas qualidades artísticas e pelo seu reconhecimento internacional, mas, principalmente, por contribuir com a fundação de uma cultura nacional no Brasil. Sua obra é ao mesmo tempo singular, ao retratar as mazelas sociais brasileiras, e universal, ao retratar o sofrimento humano. Portinari é um artista reconhecido não apenas por seus quadros, mas também por seus famosos murais em prédios e monumentos importantes. Em 1936, realiza seu primeiro mural, que integra o Monumento Rodoviário da Estrada Rio-São Paulo. Em seguida, convidado pelo então ministro Gustavo Capanema (1900-1985), pinta vários painéis para o novo prédio do Ministério da Educação e Cultura (MEC), no Rio de Janeiro, com temas dos ciclos econômicos do Brasil. Em 1941, pinta os painéis para a Biblioteca do Congresso em Washington D.C., Estados Unidos, com temas da história do Brasil. Realizados em têmpera, com grande luminosidade, os painéis têm como protagonistas, mais uma vez, os trabalhadores.

Em 1979, seu filho João Cândido Portinari (1939) implanta o Projeto Portinari, que reúne um vasto acervo documental sobre a produção, a vida e a época do artista, com o objetivo de resgatar mais de 4.600 obras de Candido Portinari, que constituem, em sua grande maioria, coleções particulares, inacessíveis ao grande público.





Candido Portinari

Garimpeiros, 1938

pintura a guache e grafite sobre papel

42 x 42 cm

assinatura inf. dir.

Catalogada no Projeto Portinari sob o registro FCO 5322 CR 871. Reproduzido no Raisonné do Artista, Vol. I, à p.456. Atestado De Autenticidade Do Projeto Portinari N° 337. Maquete para a pintura mural "Garimpo" parte da série Ciclos Econômicos, obra executada para decorar o salão de audiências do Palácio Gustavo Capanema, Rio de Janeiro, RJ.



Candido Portinari

Fumo, 1938

pintura a têmpera/madeira aglomerada

45 x 39 cm

assinatura inf. dir.

Catalogada no Projeto Portinari sob o registro FCO 5292.

Reproduzido no Raison n  do Artista, Vol. I -   p. 457. Maquete para a pintura mural "FUMO".



Candido Portinari

Casamento na Roça, 1940

óleo sobre tela

100 x 80 cm

assinatura inf. esq.

Registrado no Catálogo Raisonné 1235 FCO 979, Vol. II p.146 e 147.

Exposições: Latin American Exhibition of Fine Arts. Riverside Museum, New York, 1940; National Art Week: Portinari. Person Hall Art Gallery of University of North Carolina, Chapel Hill, 1940; Exposição de Pintura Candido Portinari. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, 1943; Portinari. MASP, São Paulo, 1954.

Livros: Candido Portinari. 1972. 126p. rp. color p.63. inf p.62 [LV23];

Candido Portinari. 1997. 277p. rp. color p.145, inf. p.144 [LV 46].



Candido Portinari

Casamento na Roça, 1944

óleo sobre tela

60 x 73 cm

assinatura inf. esq.

Registrado 2070 [FCO 3975] Catálogo Raisonné, Vol. II, p. 469 e 470.
Livro: Candido Portinari. 1997. 277p. rp. color. p141, inf. p.140 [LV46].



Candido Portinari

Pistonista, 1959

óleo sobre madeira

166 x 100 cm

assinatura inf. dir.

Catalogada no Projeto Portinari sob registro FCO 3253 CR 4463. Reproduzido no Raisonné do artista no vol. IV, na pág. 398. Atestado De Autenticidade Do Projeto Portinari Nº 361. No verso, etiqueta "GALERIA BONINO AUTOR: Candido Portinari TÍTULO: Pistonista MEDIDA: 166 x 100 PROCEDÊNCIA: Atelier do artista Exposição Galeria Bonino, Rio de Janeiro 1960".

Participou das exposições:

5ª Bienal de São Paulo, 1959; Portinari, Galeria Bonino, Rio de Janeiro, 1960; Candido Portinari. No círculo de luz. Na asa do sol, com curadoria de Jacob Klintowitz de 27 de março a 13 de maio de 2023, Galeria Frente, São Paulo. p.205.



CÍCERO DIAS

CÍCERO DIAS

(Escada, PE, 1907 – Paris, França, 2003).

Com treze anos, foi para o Rio de Janeiro. Entre os anos de 1925 e 1927, Cícero conheceu os modernistas e estudou pintura.

Em 1927, realizou sua primeira exposição individual, no Rio de Janeiro e, em 1928, abandonou a Escola de Belas Artes, passando a dedicar-se exclusivamente à pintura.

Em 1937, executou o cenário do balé de Serge Lifar e Villa Lobos, expôs em coletiva de modernos em Nova Iorque e viajou a Paris, onde se fixou definitivamente. Em Paris, tornou-se amigo de Picasso, do poeta Paul Éluard, e entrou em contato com o surrealismo. Durante a ocupação da França foi feito prisioneiro dos alemães.

Em 1943, participou do Salão de Arte Moderna de Lisboa, onde obteve premiação e, em 1945, voltou a Paris e ligou-se ao grupo dos abstratos. Nesse mesmo ano, expõe em Londres, na Unesco em Paris e em Amsterdam.

O ano de 1948 marcou uma atividade mais intensa no Brasil, com Cícero interessando-se sobretudo por murais. Em 1949, compareceu à Exposição de Arte Mural, em Avinhão, na França. Em 1950 participou da Bienal de Veneza. Em 1965, a Bienal de Veneza realizou uma exposição retrospectiva de quarenta anos de pintura de Cícero Dias. Em 1970, realizou individuais no Recife, Rio de Janeiro e em São Paulo. Em 1981, o MAM realizou uma retrospectiva de sua obra.

A trajetória de Cícero Dias é marcada por duas vertentes: a arte figurativa e o abstracionismo. Mantendo diálogos constantes com Gilberto Freyre, sua produção foi atrelada ao Movimento Regionalista Tradicionalista de Pernambuco. Ao mesmo tempo, Cícero foi um dos responsáveis pela introdução do abstracionismo geométrico no Brasil participando da exposição de inauguração do MAM/SP Do Figurativismo ao Abstracionismo em 1949 e foi importante na introdução de Léon Degand no debate nacional.





Cícero Dias

Recife

óleo sobre tela

90 x 73 cm

assinatura inf. esq.

[CONFIRA NOSSO PREVIEW](#)



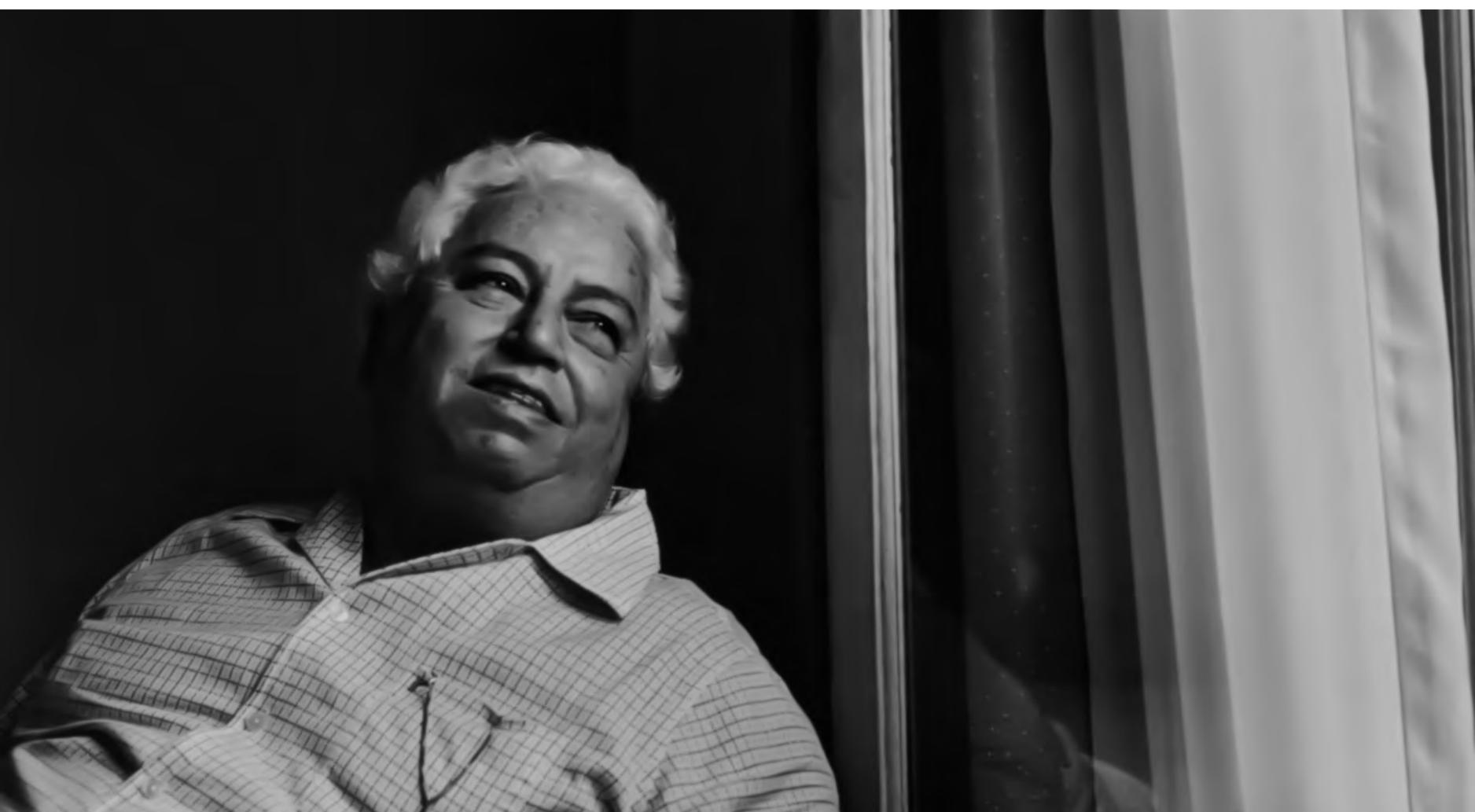
DI CAVALCANTI

DI CAVALCANTI

(Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1897 – idem, 1976),

Foi um dos maiores ícones do movimento modernista da década de 1920. Além de pintor, ele foi desenhista, ilustrador, cartunista, caricaturista, muralista, cenógrafo, escritor, jornalista, poeta e doutor honoris causa pela Universidade Federal da Bahia.

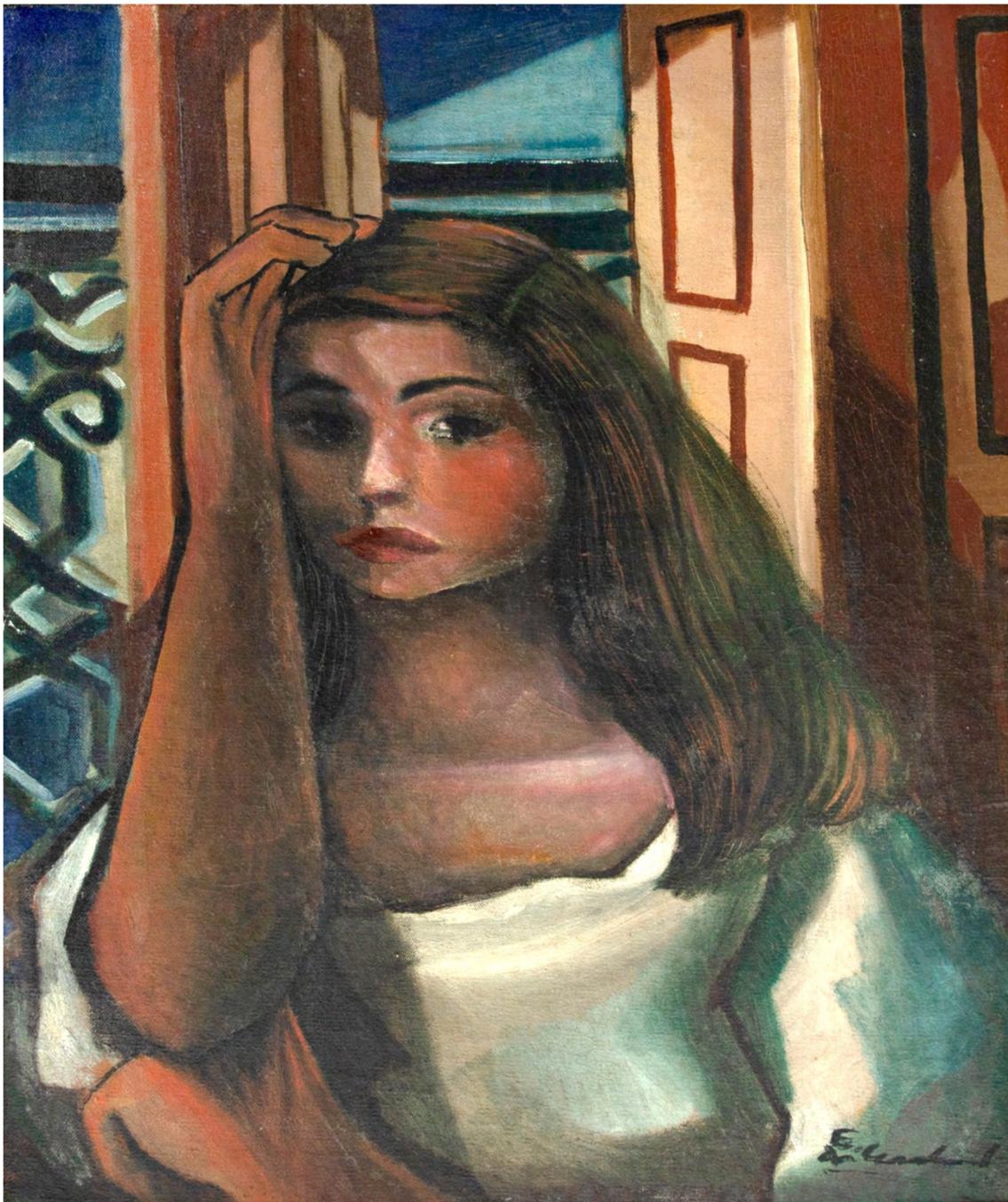
Apesar da influência cubista e surrealista, foi um dos mais típicos pintores brasileiros pela representação dos temas populares, como o carnaval, as mulheres da periferia, o samba, as favelas e os operários. Outra referência para o artista são as obras do muralista mexicano Diego Rivera.



Suas cores vivas são características de um pintor dos trópicos. Sua arte coerente revela uma evolução, mas não uma transformação radical. Sua arte o situa como mestre do modernismo.

Participou da Bienal de Veneza em 1956, mesmo ano que é premiado na “Mostra de Arte Sacra” de Trieste, na Itália. Alguns anos depois, em 1960, Di Cavalcanti ganha a medalha de ouro na “Bienal Interamericana do México”, onde teve uma sala especial para suas obras. Nesta mesma década, em 1966, ele recupera seus trabalhos extraviados no início dos anos de 1940 e ficaram armazenados nos porões da embaixada brasileira.

Em 1971, outra retrospectiva de sua obra é organizada para homenagear Di Cavalcanti, desta vez pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo.



Di Cavalcanti

Zuíla, 1949

óleo sobre tela

65 x 54 cm

assinatura inf. dir.

Reproduzido no livro "Edi Cavalcanti - 60 Reproduções Coloridas" Pág. 90.



Di Cavalcanti

Mulata, 1966
óleo sobre tela

144 x 97 cm

assinatura inf. dir.

Reproduzido no livro: Di Cavalcanti Entre Tempos e Lirismos
por Denise Mattar (org.), na pág. 133.



... H.W.A, 249 Mottingham
... 112 Estcourt Rd SE25...
... 42 Pullens Bldgs, Penton P...
... I.D, 14 Hawkesbury Rd SW15...
... John 10 Abbotshury Clo W14



... 171 Evering
... G.F. Sydney Rd No
... Weir Hall Rd No
... pacht D, 4 ... na Sq NW8.....
... pacht E, QC, ... sex Ct EC4.....
... ht Lady ... Ct EC4 ...
... 21 ... Newb...

ELEONORE KOCH

ELEONORE KOCH

(Berlim, Alemanha, 1926 - São Paulo, São Paulo, 2018).

Chega ao Brasil em 1936. Faz viagem de estudos a Paris em 1949 e frequenta os ateliês de escultura de Arpad Szenes (1897-1985) e Robert Coutin (1891-1965). De volta a São Paulo, em 1952, atua como cenógrafa na TV Tupi. Por intermédio de Geraldo de Barros (1923-1998), torna-se secretária de Mário Schenberg (1914-1990) e César Lattes (1924-2005), na Universidade de São Paulo (USP). Conhece por intermédio de sua mãe, a psicanalista Adelheid Koch, o colecionador Theon Spanudis (1915-1985), que a apresenta ao pintor Alfredo Volpi (1896-1988), com quem continua sua formação. Recebe grande influência do pintor, de quem passa a ser considerada a única discípula. Integra as edições de 1959 a 1967 da Bienal Internacional de São Paulo. Fixa residência em Londres a partir de 1968, onde é apoiada por um grande colecionador, e trabalha como tradutora juramentada junto à Justiça inglesa.



Conhecida como a única discípula do pintor Alfredo Volpi, Eleonore Koch tem uma trajetória ainda pouco estudada pela crítica de arte no Brasil. Inicia sua formação como escultora, mas centra sua produção na pintura a partir dos anos 1950. À primeira vista, sua obra encontra semelhanças com a pintura metafísica italiana. É certo que Koch não segue a trajetória do figurativismo à abstração que caracteriza os artistas que a influenciam.

Sua obra contribui para a investigação de questões pertinentes à pintura, em especial no tocante à dicotomia entre cor e linha. A relação que sua pintura estabelece com os objetos representados se desvia de uma atitude contemplativa. Vê-se que é do constante embate entre as superfícies de cor, trabalhadas com o auxílio da têmpera, e os objetos nitidamente representados, que se faz a tensão permanente de seus quadros. A imobilidade resultante decorre menos de uma postura passiva diante de uma cena do que da representação de um jogo de forças que resulta um equilíbrio tenso, no qual nem cor nem desenho preponderam.



Eleonore Koch

Vaso de Planta, 1981

carvão sobre papel

76 x 55 cm

assinado

CONFIRA NOSSO PREVIEW



Eleonore Koch

Sem Título, 1985

técnica mista sobre papel

30 x 21 cm

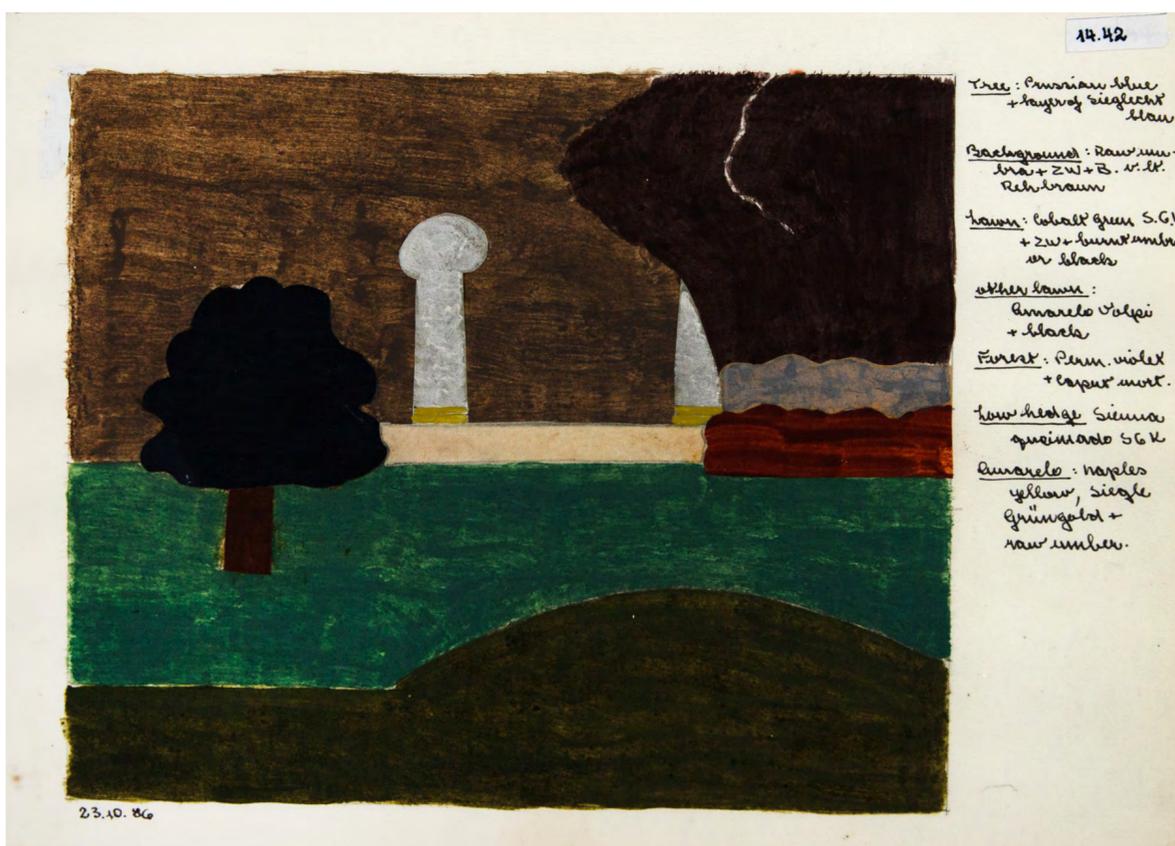


Eleonore Koch

Sem Título, 1985

técnica mista sobre papel

21 x 30 cm



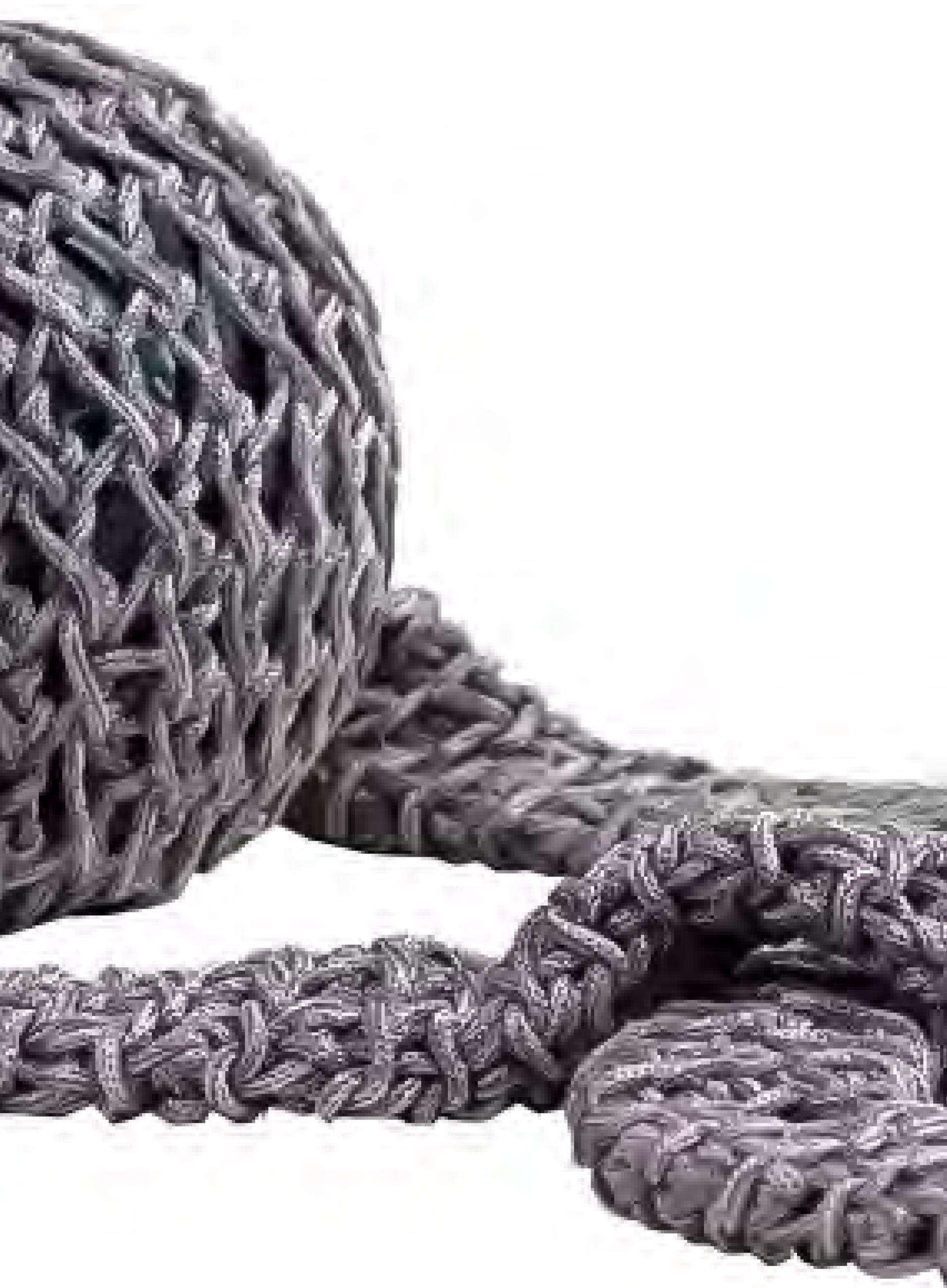
Eleonore Koch

Sem Título, 1986

técnica mista sobre papel

21 x 30 cm

ERNESTO NETO



[CONFIRA NOSSO PREVIEW](#)

ERNESTO NETO

(Rio de Janeiro, RJ, 1964).

Estudou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV), na década de 1980, mesma época em que fez cursos de intervenção urbana e escultura, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio). No início da carreira, foi influenciado por artistas brasileiros que pesquisavam as relações formais e simbólicas entre matérias diversas, como José Resende e Tunga. Mais tarde, passou a explorar materiais mais flexíveis e cotidianos, como as meias de poliamida, que se tornaram uma das bases predominantes de suas obras. No fim da década de 1990, o artista desenvolveu o trabalho das “naves”, estruturas penetráveis de tecido transparente e flexível que ampliavam a participação do público em as obras. Neto participou da 29ª Bienal de São Paulo, em 2010; da exposição After Utopia – A View on Brazilian Contemporary Art, no Centro per l’Arte Contemporanea Luigi Pecci, em Prato, em 2009; e das Bienais de Veneza de 2001 e 2003. Apresentou as individuais Sopro, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, em 2019; Um Dia Todos Fomos Peixes, Blueproject Foundation, Barcelona, em 2017; Boa, Museum of Contemporary Art Kiasma, Helsinki, em 2016. Sua obra está presente em importantes acervos, como 21st Century Museum of Contemporary Art, em Kanazawa; Centre Georges Pompidou, em Paris; Daros Latin America, em Zurique; Instituto Inhotim, em Brumadinho; The Museum of Modern Art (MoMA), em Nova York; Museum of Contemporary Art Chicago, em Chicago; Museum Boijmans van Beuningen, em Roterdã; Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, em Madri, entre outros.





Ernesto Neto

Transbordamento dos Olhos, 2011

escultura

25 x 70 x 40 cm

Peça única. Possui certificado de autenticidade

Nº Inventário EN10466.

CONFIRA NOSSO PREVIEW

FERNANDO BOTERO



FERNANDO BOTERO

(Medellin, Colômbia 1932 - Monaco-Ville, Mônaco, 2023).

Em 1948, ele começou trabalho como um ilustrador. Mudou-se para Bogotá em

1951 e realizou sua primeira mostra internacional no Leo Matiz Gal. Partindo para Madrid em 1952, estudou na Academia de San Fernando. De 1953 a 1955, aprendeu a técnica de afrescos e história da arte em Florença, que tem influenciado suas pinturas, desde então. De volta à Colômbia, expôs na Biblioteca Nacional, em Bogotá, e começou a lecionar na Escola de Belas Artes da Universidade Nacional; naquele mesmo ano, passou algum tempo no México, estudando os murais políticos de Rivera e Orozco, cuja influência é evidente em sua perspectiva política.

Embora o expressionismo abstrato lhe interessasse, buscou inspiração no renascentismo Italiano. Durante este período, começou a experimentar a criação do volume em suas pinturas, expandindo as figuras e comprimindo o espaço em torno delas, uma qualidade que continua explorando ao pintar retratos de grupos imaginários ou paródias sobre o trabalho de mestres famosos.

Com um grande número de exposições na Europa e nas Américas do Norte e do Sul, Botero recebeu inúmeros prêmios, inclusive o Primeiro Intercol, no Museu de Arte Moderna de Bogotá, e figura no acervo dos principais museus em todo o mundo. Desde o início da década de 1970, Botero divide seu tempo entre Paris, Madrid e Medellín.

Nas obras satíricas de Fernando Botero, políticos, militares e religiosos, músicos e a realeza, são retratados com figuras rotundas e sem movimento, assumindo a característica de vida humana estática. De natureza humorística à primeira vista, as pinturas de Botero são geralmente um comentário social com toques políticos.





Fernando Botero

Senhora, 1974

óleo sobre tela

128 x 95 cm

assinatura inf. dir.

[CONFIRA NOSSO PREVIEW](#)

IRMÃOS CAMPANA



IRMÃOS CAMPANA

Humberto e Fernando Campana. Um arquiteto e um advogado, vindos do interior do Brasil. Eles são um dos principais nomes do design brasileiro e internacional.

Em 1989 criaram o Estúdio Campana. Eles têm um estilo inovador e vanguardista. Seus móveis são criativos, lúdicos e peculiares, que nos levam a reflexões e indagações, utilizando de uma linguagem não convencional.

Os Irmãos têm um viés de sustentabilidade em suas peças. Elas são feitas a partir da reutilização de materiais, como plástico, borracha, bichos de pelúcia, cordas e tijolos. É sobre a ressignificação dos objetos, dando um novo uso para esses materiais. Fernando e Humberto transformam o ordinário em extraordinário.

Para tais realizações, a dupla busca inspirações em técnicas ancestrais de artesanato no Brasil e no mundo.

Seus mobiliários se tornam obras de arte. Os Irmãos Campana são a perfeita união entre arte e design. Suas obras são consideradas exclusivas.

Os Campana possuem um grande reconhecimento internacional. Tanto é que existem peças deles fazendo parte do acervo do MoMa, museu de arte em Nova Iorque.

Ainda assim, o trabalho dos irmãos não se limita apenas a móveis. Eles já fizeram parcerias com marcas como Lacoste, Louis Vuitton e Melissa. Além de já terem feito a decoração do SPFW de 2013.

O trabalho da dupla tem uma expressão única, excepcional. Tem o objetivo de instigar. Ninguém fica indiferente às peças dos Irmãos Campana.

As obras fazem uma crítica à sociedade, que é extremamente industrial, massificada e cheia de desigualdades. As peças se encaixam em ambientes contemporâneos e modernos



Em 2009 foi criado o Instituto Campana, que tem como objetivo atuar na esfera cultural, social, educacional e ambiental, com atividades mediadas pelo design inspiradas no estilo de Fernando e Humberto. Também procura assegurar a conservação e sobrevivência de técnicas artesanais brasileiras e manter e divulgar o patrimônio artístico da dupla.



Irmãos Campana

Série Orgânicos - Casulo, 1989

escultura em ferro

178 x 61 cm

Certificado de autenticidade Estudio Campana.

Exposições:

Orgânicos, Nucleon 8, São Paulo, Brasil, 1990.

Entre o Design e a Arte, Museu de Arte Moderna, São Paulo, Brasil, 2000.

Zest for Life Fernando + Humberto Campana, Design Museum, London, June 19 September 19, 2004.

Reproduzido:

Zest for Life: Humberto and Fernando Campana, exh. cat, London Design Museum, 2004, pl. 2 for a drawing.

Mathias Schwartz ? Clauss et al., Antibodies: Fernando & Humberto Campana 1989-2009, exh. cat., Vitra Design Museum, Weil am Rhein, 2009, illustrated p. 24.

Darren Alfred, Deyan Sudjic et al., Campana Brothers: Complete Works (So Far), New York, 2010, illustrated pp. 79 and 245.

CONFIRA NOSSO PREVIEW



JUDITH LAUAND

JUDITH LAUAND

(Pontal, São Paulo, 1922 - São Paulo, SP, 2022).

Pintora e gravadora. Nome importante do movimento concretista, é reconhecida por suas obras com formas geométricas precisas, pelo rigor matemático de suas composições constituídas de linhas, planos e vetores, e mesclada com cores contrastantes. Ao longo de sua carreira, experimenta técnicas diferentes, como gravura, desenhos, guaches, colagens, xilogravuras, tapeçarias, bordados e esculturas.

Sua aproximação com as vanguardas artísticas se dá em 1953, ano em que trabalha como monitora da 2ª Bienal de São Paulo e entra em contato com obras de artistas como o suíço Paul Klee (1879-1940), nome importante do movimento expressionista, o modernista Piet Mondrian (1872-1944) e o escultor e pintor estadunidense famoso por seus móveis Alexander Calder (1898-1976).

Em 1955, ingressa no Grupo Ruptura e é conhecida como a única mulher a ter feito parte oficialmente do grupo, integrado por Waldemar Cordeiro (1925-1973), Geraldo de Barros (1923-1998) e Luiz Sacilotto (1924-2003). O convívio com os concretistas, tanto nas artes visuais, quanto na literatura, incentiva Lauand em sua busca por formas geométricas, com precisão matemática e reflexão sobre a composição de linhas, vetores e formas.

A artista tem reconhecimento nacional e internacional, participando de importantes exposições coletivas, como a 1ª Exposição Nacional de Arte Concreta (1956), realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP); a Primeira Exposição Coletiva de Artistas Brasileiros na Europa (1959-1960), que passa por cidades como Munique, Lisboa, Madri e Paris; e Judith Lauand: Abstrações do Concretismo Brasileiro (2017), na galeria Driscoll Babcock, em Nova York, evidenciando sua constante atuação no sistema das artes.

Na década de 1960, Lauand passa por uma fase ligada à pop art e adiciona outros elementos às suas telas, como tachinhas, tecidos, alfinetes, barbantes e clipes, e insere palavras, também por influência da poesia concreta com que tem contato na época, como a de Décio Pignatari (1927-2012).

Judith Lauand tem intensa atividade desde o início de sua carreira, na época com pinturas mais figurativas e acadêmicas, mas firmando sua produção com as características da arte concretista. Experimenta a arte pop, porém, segue trabalhando com abstrações em seus desenhos. Notável pelo rigor matemático e pela precisão das formas, Judith Lauand evidencia em sua produção composições de linhas e vetores que denotam movimento, trabalhando também com escolhas cromáticas que conferem vivacidade às obras.





Judith Lauand

Sem título, 1964

óleo sobre tela

73 x 54 cm

assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Judith Lauand: Desvio Concreto, curada por Adriano Pedrosa, Fernando Oliva, Matheus de Andrade, de 25 de novembro de 2022 a 02 de abril de 2023, MASP, São Paulo, reproduzida no livro da exposição, pág. 181

CONFIRA NOSSO PREVIEW

JULIO LE PARC



JULIO LE PARC

(Mendoza, Argentina, 1928).

É reconhecido internacionalmente como um dos principais nomes da arte óptica e cinética. Ao longo de seis décadas, ele realizou experiências inovadoras com luz, movimento e cor, buscando promover novas relações entre arte e sociedade a partir de uma perspectiva utópica. Suas telas, esculturas e instalações abordam questões relativas aos limites da pintura a partir de procedimentos que se aproximam da tradição pictórica na história da arte, como o uso de acrílico sobre tela, ao mesmo tempo que investigam potencialidades cinéticas em assemblages, instalações e aparelhos máquinicos que exploram o movimento real e a atuação da luz no espaço.

Pioneiro do gênero óptico e cinético, Julio Le Parc foi co-fundador do Groupe de Recherche d'Art Visuel (1960-68), um coletivo de artistas que se propunha a incentivar a interação do público com a obra, a fim de aprimorar suas capacidades de percepção e ação. De acordo com essas premissas, somadas à aspiração bastante disseminada na época de uma arte desmaterializada, indiferente às demandas do mercado, o grupo se apresentava em locais alternativos e até na rua. As obras e instalações de Julio Le Parc, feitas com nada além da interação entre luz e sombra, são resultado direto desse contexto, no qual a produção de uma arte fugaz e não vendável assumia claro tom sociopolítico.





Julio Le Parc

Deslocamento de Círculos, 1965

escultura em aço e espelhos

50 x 17,5 x 22,5 cm

assinatura na peça

Exemplar nº 55/100.

CONFIRA NOSSO PREVIEW



Julio Le Parc

Forme en Contorsion Sur Fond Blanc, 1969

escultura em aço e motor

100 x 30 x 15 cm

assinatura no verso

Exemplar nº 15/250.



Julio Le Parc

Formas e Contorções

escultura em espelho plástico, inox e motor elétrico

80 x 32 x 17 cm

assinatura no verso

Exemplar nº 22/80.

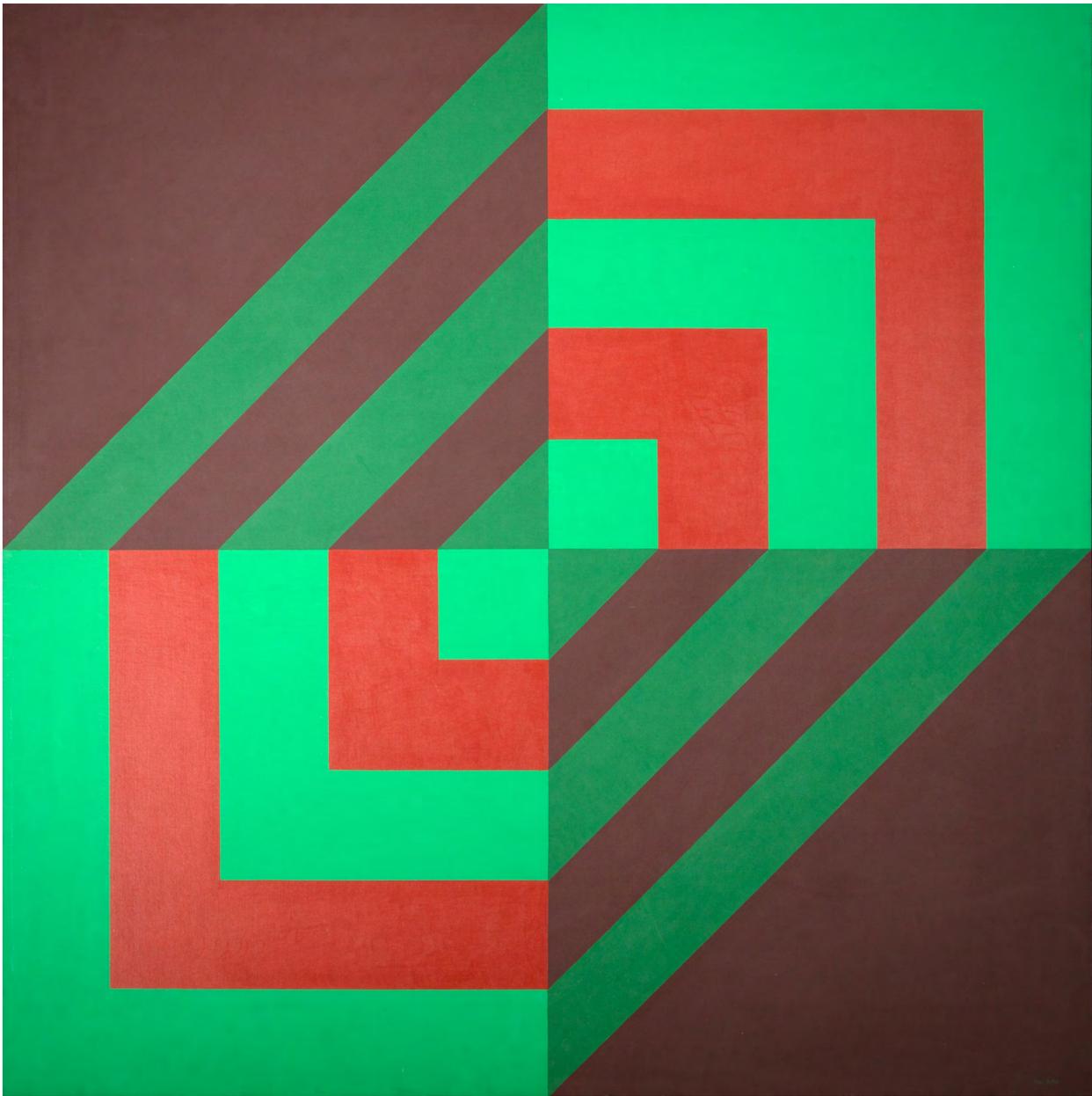
LUIZ SACILOTTO

(Santo André, SP, 1924 – São Bernardo do Campo, SP, 2003).

Começando com referências expressionistas e passando pelo abstracionismo, Luiz Sacilotto é considerado um importante nome da arte concreta no Brasil. O pioneirismo do artista é expresso em suas pinturas com fenômenos ópticos e em suas esculturas tridimensionais. Inovador, Luiz Sacilotto tensiona a figuração e a abstração, até chegar à geometrização e aos desdobramentos do plano no espaço. Torna-se um dos grandes artistas concretos do Brasil.

Em 1950, abandona definitivamente a figuração e executa a Pintura I, que apresenta traços formais próximos aos da obra do pintor francês Piet Mondrian (1872-1944). Em 1952, funda o Grupo Ruptura, ao lado de Geraldo de Barros (1923-1998), Féjer (1923-1989), Leopoldo Haar (1910-1954) e Anatol Wladyslaw (1913-2004). Também é pioneiro no âmbito da tridimensionalidade, ao desdobrar o plano no espaço. Nas composições, as cores destacam ou suavizam a geometria. O artista, com especial cuidado, coleciona pigmentos, classifica e numera gradações, perfazendo mais de trezentos tons, que incluem desde os das terras de Siena e Kassel até os azuis e verdes de jazidas de Minas Gerais.





Luiz Sacilotto

C 8692

têmpera vinílica sobre tela

100 x 100 cm

assinatura inf. dir.

CONFIRA NOSSO PREVIEW

MANABU MABE



MANABU MABE

(Kumamoto, Japão 1924 – São Paulo, SP, 1997).

De Kobe, Japão, emigra com a família para o Brasil em 1934, para se dedicar ao trabalho na lavoura de café no interior do estado de São Paulo. Interessado em pintura, começa a pesquisar sobre o tema, como autodidata.

Em 1947, em viagem a São Paulo, conhece o pintor Tomoo Handa (1906 -1996). No ano seguinte, estuda com o pintor Yoshiya Takaoka (1908 -1978), que lhe transmite ensinamentos técnicos e teóricos sobre pintura. Nesse período, integra o Grupo Seibi e participa das reuniões de estudos do Grupo 15, com Yoshiya Takaoka, Shigeto Tanaka (1910-1970) e Tomoo Handa.

Em 1957, vende seu cafezal em Lins e se muda para São Paulo para se dedicar exclusivamente à pintura. Recebe, em 1959, o Prêmio Leirner de Arte Contemporânea, com as pinturas abstratas Grito e Vitorioso, ambas realizadas em 1958. Em 1959, participa da 5ª Bienal Internacional de São Paulo, recebe o prêmio de Melhor Pintor Nacional. É premiado na 1ª Bienal dos Jovens de Paris, e, no ano seguinte, é premiado na 30ª Bienal de Veneza. Torna-se assim um dos artistas mais destacados do abstracionismo informal brasileiro.



No início de sua trajetória no campo da abstração, explora o empastamento, a textura e o traço e se revela um colorista de porte. Em meados da década de 1960, depois de uma viagem de oito meses pela Europa, começa a se aproximar de certos aspectos do tachismo. As pinturas de Manabu Mabe são caracterizadas sobretudo pela gestualidade, pelo trabalho com manchas de grande expressividade e pelo apuro no uso das cores. Os títulos de suas obras costumam evocar emoções ou fenômenos da natureza.



Manabu Mabe

Abstração, 1960

óleo sobre tela

110 x 130 cm

assinatura inf. esq.

Participou da exposição: "A Realidade Máxima das Coisas", com curadoria de Jacob Klintowitz, na Galeria Frente, de 16 de março a 29 de junho de 2024.

CONFIRA NOSSO PREVIEW



Manabu Mabe

Abstração Fundo Vermelho, 1961

óleo sobre tela

185 x 200 cm

assinatura no verso

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2780. Participou da exposição: "A Realidade Máxima das Coisas", com curadoria de Jacob Klintowitz, na Galeria Frente, de 16 de março a 29 de junho de 2024. Reproduzido no catálogo da mostra pág. 65.

CONFIRA NOSSO PREVIEW

MEGUMI YUASA



MEGUMI YUASA

(São Paulo, SP, 1938).

Escultor e ceramista. É autodidata, iniciando-se nas artes plásticas em 1960. Em 1971, freqüenta por seis meses a Escola Brasil; a convite de Luiz Paulo Baravelli. Pesquisa materiais e técnicas expondo esculturas e objetos em cerâmica no Brasil e exterior. Desde o início da carreira expõe seu trabalho assiduamente, dando preferência à mostras coletivas. Yuasa está sempre presente nas mostras de artistas nipo-brasileiros, assim como nas exposições comemorativas da imigração japonesa no Brasil. Em 1979 inicia atividades como professor de cerâmica, às quais se dedica até hoje, organizando cursos e oficinas de cerâmica. Entre 1981 a 1982 presta assessoria à Escola Senai Armando Arruda Sampaio. Em 1982 é convidado a ministrar um curso de cerâmica na Universidade Caxias do Sul. Em 1984 é convidado pelo Museu de Artes do Rio Grande do Sul - Margs, a ministrar o curso Observação da Realidade. Em 1988 recebe o Prêmio Escultura Associação Paulista dos Críticos de Arte - APCA. Em 1989, viaja a Lisboa (Portugal) para ministrar curso no Seminário de Cerâmica Brasileira em Lisboa (Portugal). Atualmente, além da cerâmica, utiliza em suas obras materiais como pedra e madeira.





Megumi Yuasa

Árvore

escultura em cerâmica esmaltada

18 x 20 x 20 cm

CONFIRA NOSSO PREVIEW



Megumi Yuasa

Árvore

escultura em cerâmica esmaltada

15 x 20 x 20 cm

[CONFIRA NOSSO PREVIEW](#)



Megumi Yuasa

Árvore

escultura em cerâmica esmaltada

11 x 8 x 8 cm

[CONFIRA NOSSO PREVIEW](#)



Megumi Yuasa

Árvore

escultura em cerâmica esmaltada

10 x 7 x 6 cm

[CONFIRA NOSSO PREVIEW](#)



Megumi Yuasa

Árvore

escultura em cerâmica esmaltada

7 x 5 x 5 cm

[CONFIRA NOSSO PREVIEW](#)



Megumi Yuasa

Sem Título

pedra e cerâmica esmaltada

16 x 12 x 6 cm

assinatura na peça

Participou da exposição: "A Realidade Máxima das Coisas", com curadoria de Jacob Klintowitz, na Galeria Frente, de 16 de março a 01 de junho de 2024. Reproduzido no catálogo da mostra pág. 98.



Megumi Yuasa

Sem Título

pedra e cerâmica esmaltada

21 x 12 x 7 cm

Participou da exposição: "A Realidade Máxima das Coisas", com curadoria de Jacob Klintowitz, na Galeria Frente, de 16 de março a 01 de junho de 2024. Reproduzido no catálogo da mostra pág. 98.



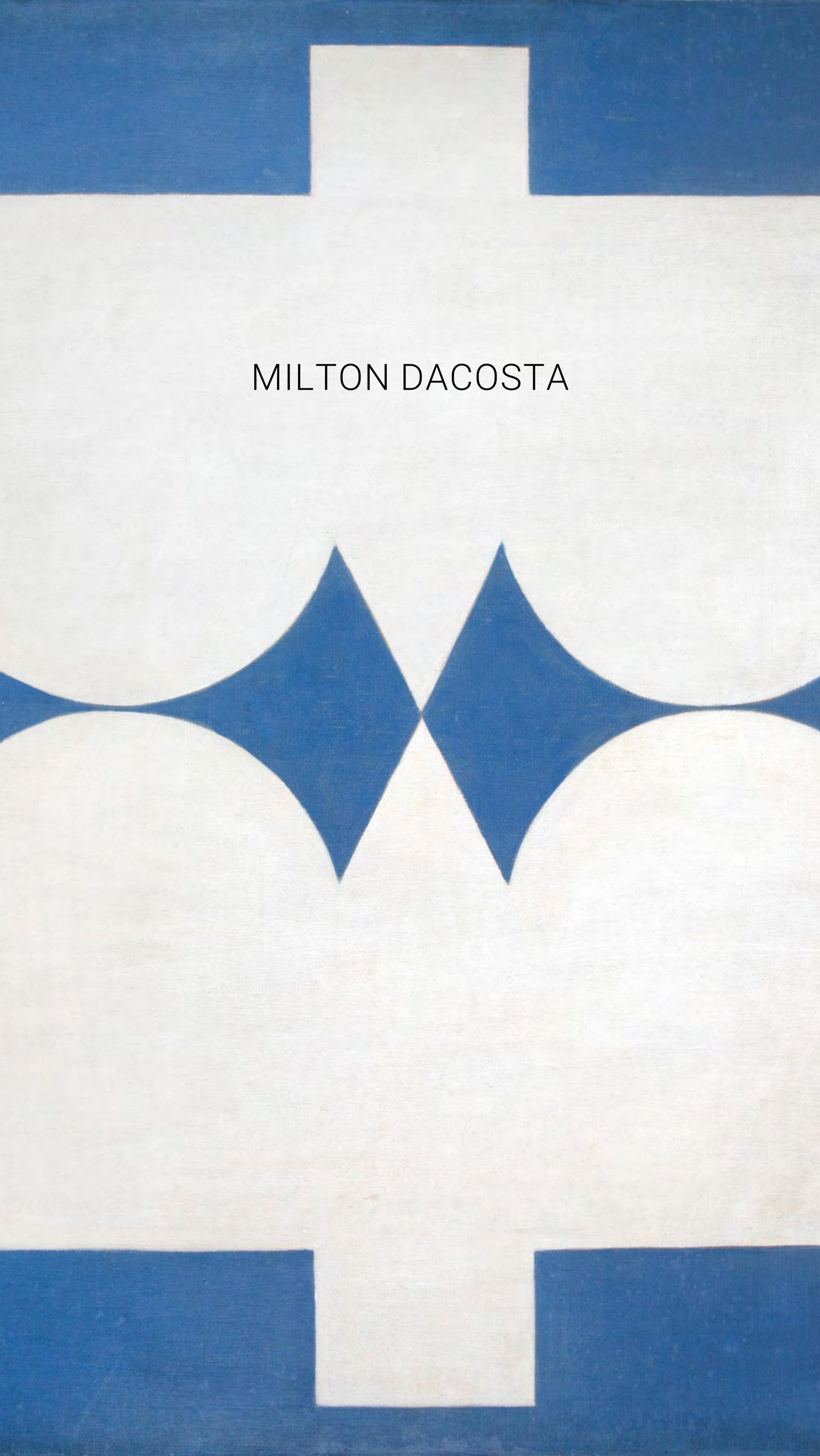
Megumi Yuasa

Sem Título

pedra e cerâmica esmaltada

22 x 15 x 9 cm

Participou da exposição: "A Realidade Máxima das Coisas", com curadoria de Jacob Klintowitz, na Galeria Frente, de 16 de março a 01 de junho de 2024. Reproduzido no catálogo da mostra pág. 99.

The image features a minimalist, abstract design. At the top and bottom, there are horizontal bands of dark blue. In the center, a large white rectangular area is defined by a thin blue border. Within this white area, two dark blue, diamond-shaped elements are positioned side-by-side, each with a pointed top and bottom. The overall composition is balanced and geometric.

MILTON DACOSTA

MILTON DACOSTA

(Niterói, RJ, 1915 - Rio de Janeiro, RJ, 1988).

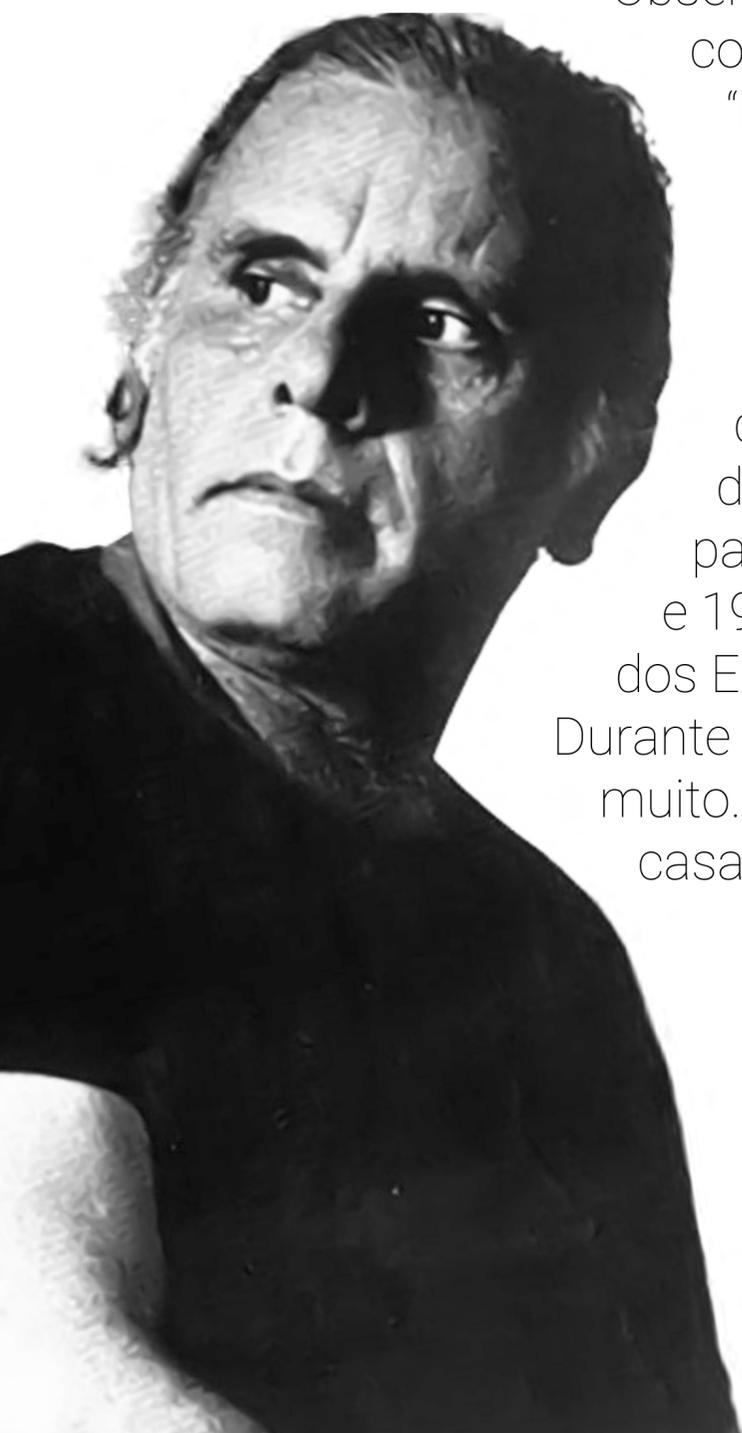
Constrói uma trajetória peculiar dentro da história da arte brasileira. Em cerca de 50 anos de produção, atinge sua maturidade artística em meados dos anos 1950, com telas abstratas de tendência construtiva, desenvolvidas com base no embate reflexivo e silencioso com alguns dos principais artistas e movimentos da arte moderna.

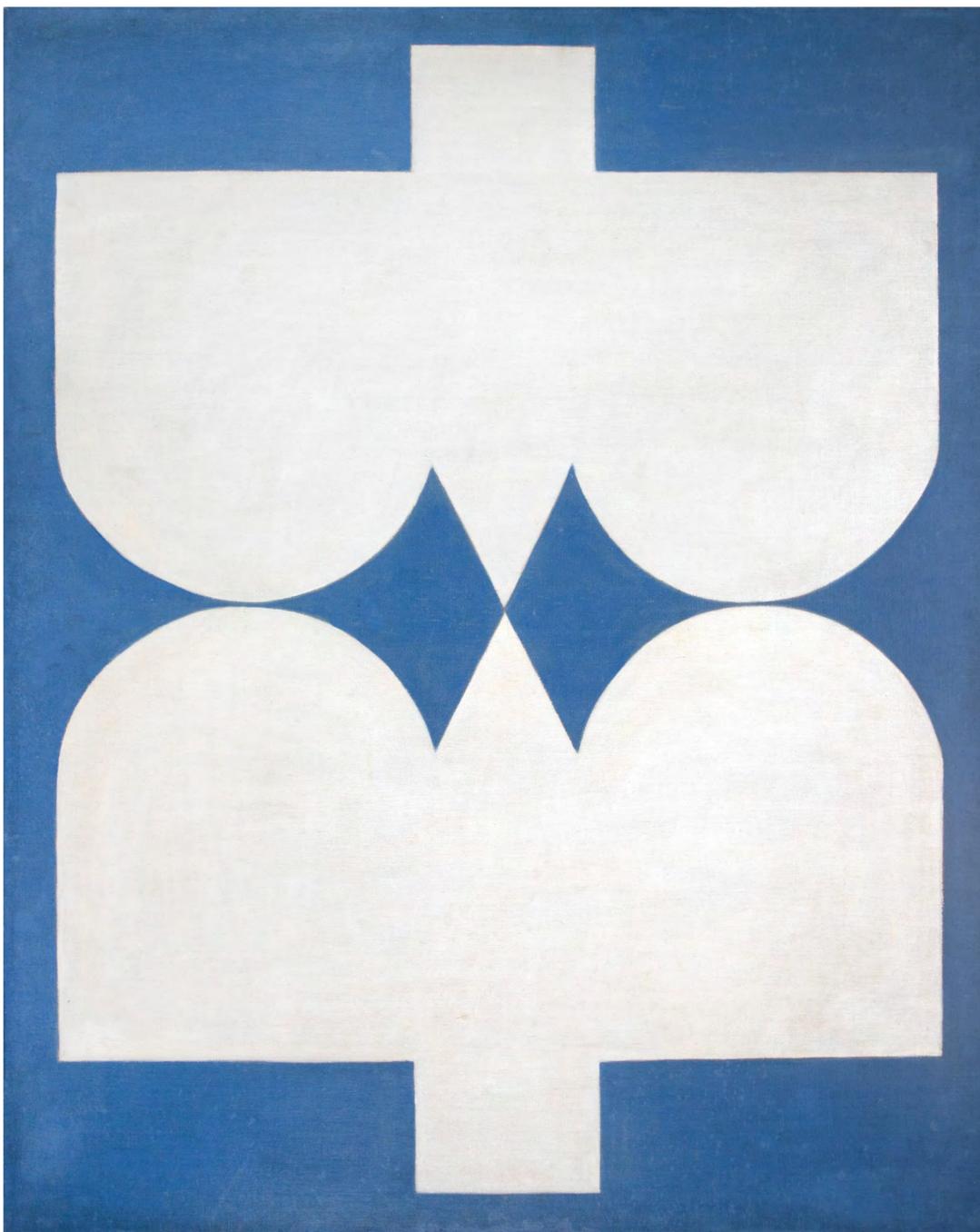
Seguindo sua vocação precoce, inicia-se em 1929 no desenho e na pintura no ateliê do professor alemão August Hantv, em Niterói, sua cidade natal. Em 1930 frequenta por três meses o curso livre de Marques Júnior na Escola Nacional de Belas Artes - Enba, Rio de Janeiro. Nessa época conhece Antônio Parreiras (1860-1937), com quem não tem uma aprendizagem formal, mas visita seu ateliê e mostra os primeiros trabalhos que realiza. Interessa-se por uma pintura pós-impressionistas. Aos 16 anos, ajuda a fundar o Núcleo Bernardelli, conjunto independente de artistas instalados no porão da Enba, coordenados por Edson Motta.

A produção do artista nos anos 1930 se caracteriza pela aquisição dos princípios da pintura moderna, tendo como modelo a Escola de Paris. Paisagens, nus, marinhas, vistas urbanas, retratos, não importa muito o tema a ser pintado. O artista preocupa-se em adquirir, com disciplina sistemática, os elementos de tal pintura.

Observa-se que sua produção não se preocupa com o detalhe pitoresco, a fixação de uma “brasilidade”; sua cor não é mais local.

Ao contrário, autônoma, se afirma em pinceladas modulares e estruturais, numa incorporação natural de Paul Cézanne (1839-1906). Em 1944 recebe o prêmio de viagem ao exterior na Divisão Moderna do Salão Nacional de Belas Artes, partindo para Nova York no ano seguinte. Entre 1945 e 1946, Dacosta permanece no exterior, indo dos Estados Unidos diretamente para a Europa. Durante sua estada fora do Brasil não produziu muito. Regressa ao Brasil em 1947 e em 1949 casa-se com a pintora Maria Leontina.





Milton Dacosta

Pássaros, 1962

óleo sobre tela

100 x 81 cm

assinatura no verso



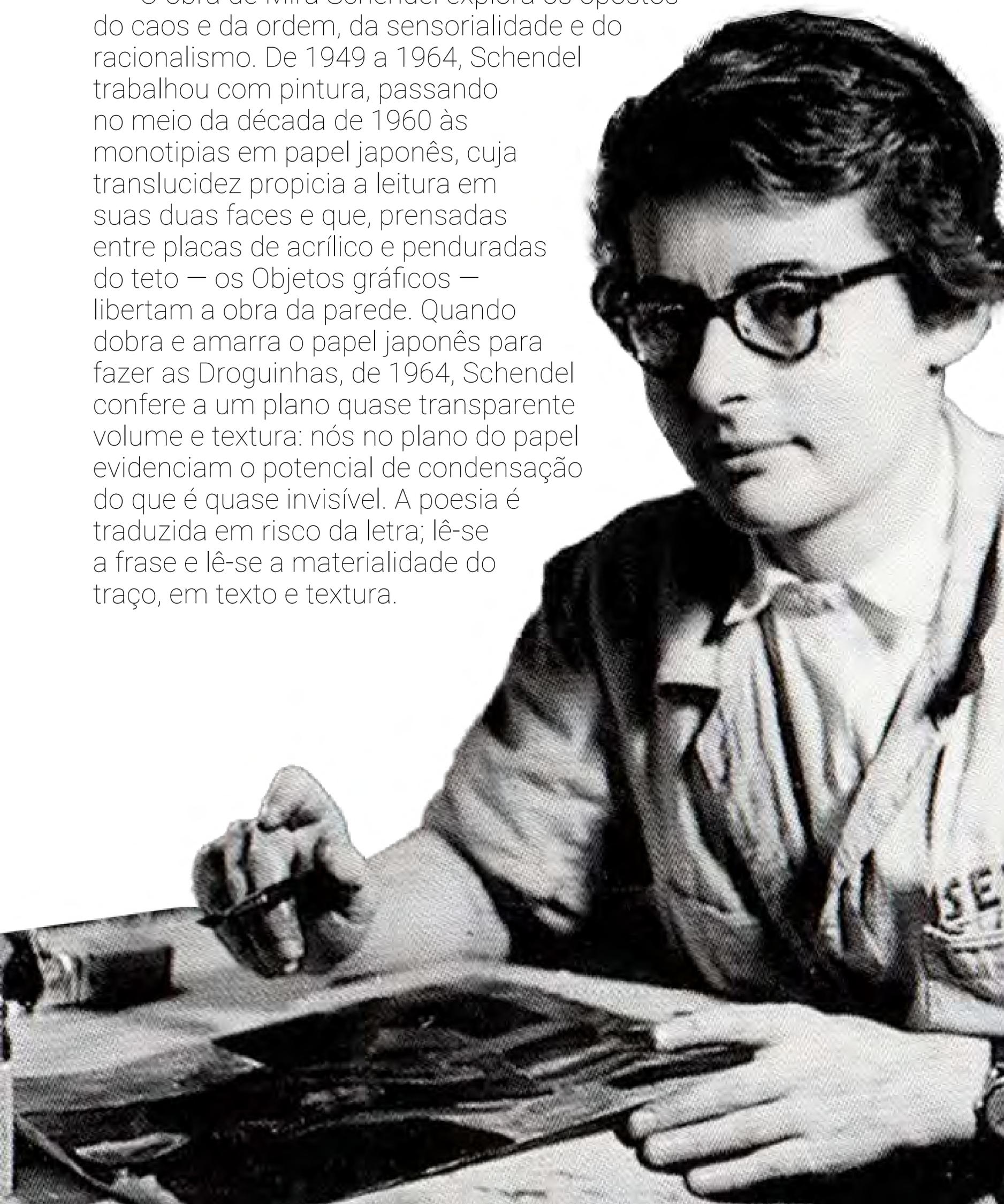
MIRA SCHENDEL

MIRA SCHENDEL

(Zurique, Suíça, 1919 – São Paulo, São Paulo, 1988).

A produção artística é constituída por séries de trabalhos, marcadas por experiências bastante diversas em relação ao formato, às dimensões, aos suportes escolhidos e à técnica adotada. Muda-se para Milão, na Itália, na década de 1930, onde estuda arte e filosofia. Abandona os estudos durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Estabelece-se em Roma em 1946 e, em 1949, obtém permissão para se mudar para o Brasil. Em 1953, muda-se para São Paulo e adota o sobrenome Schendel. Sua linguagem pictórica se simplifica progressivamente em trabalhos que exploram o tratamento dado à superfície.

O obra de Mira Schendel explora os opostos do caos e da ordem, da sensorialidade e do racionalismo. De 1949 a 1964, Schendel trabalhou com pintura, passando no meio da década de 1960 às monotipias em papel japonês, cuja translucidez propicia a leitura em suas duas faces e que, prensadas entre placas de acrílico e penduradas do teto – os Objetos gráficos – libertam a obra da parede. Quando dobra e amarra o papel japonês para fazer as Droguinhas, de 1964, Schendel confere a um plano quase transparente volume e textura: nós no plano do papel evidenciam o potencial de condensação do que é quase invisível. A poesia é traduzida em risco da letra; lê-se a frase e lê-se a materialidade do traço, em texto e textura.





Mira Schendel

Série Itatiaia, 1978

ecoline sobre papel

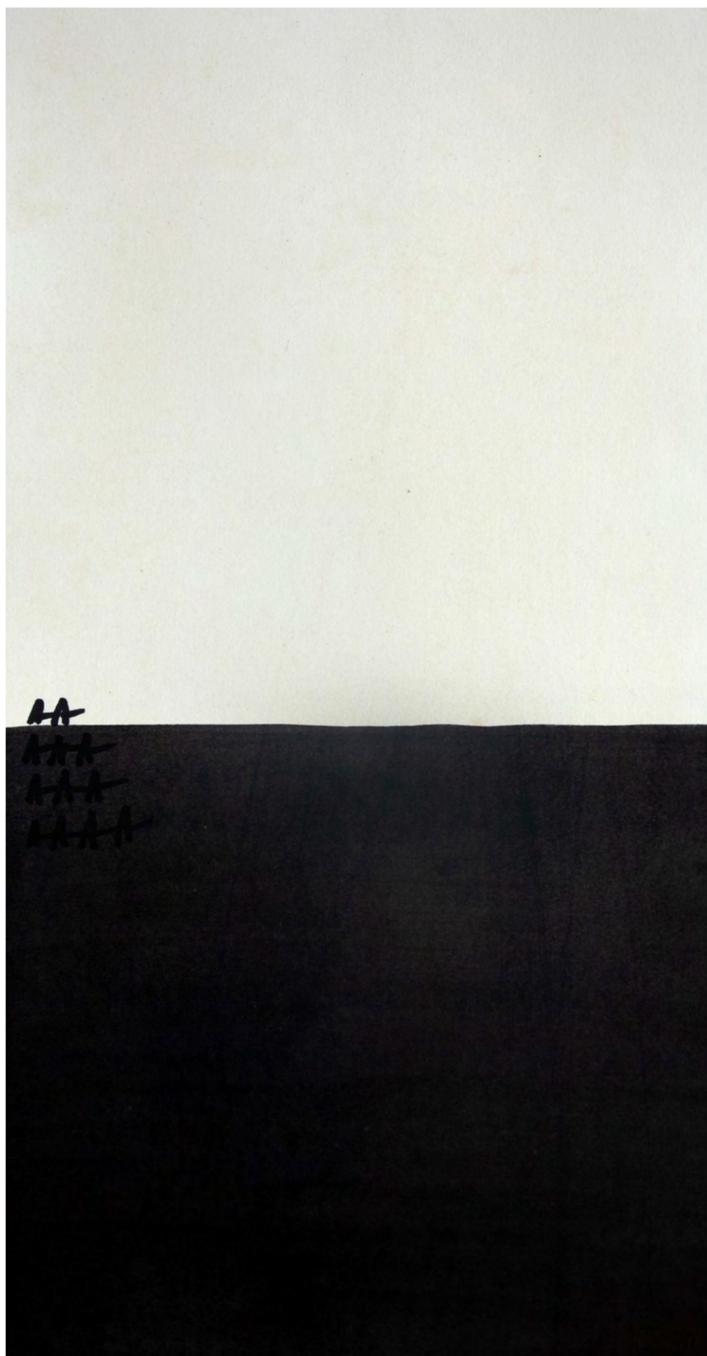
49 x 25 cm

assinatura inf. dir.



Mira Schendel

Série Itatiaia, 1978
ecoline sobre papel
49 x 25 cm
assinatura inf. dir.



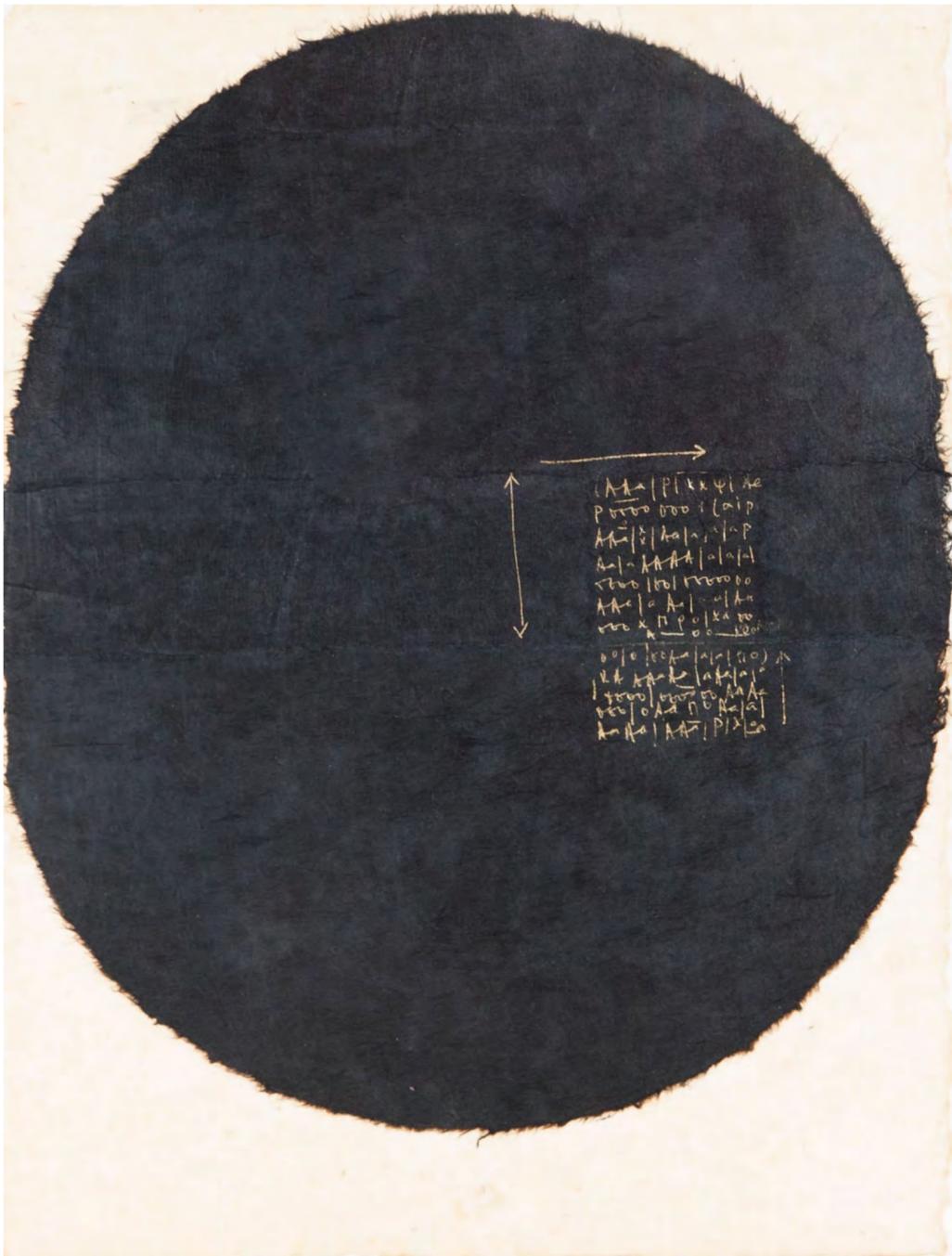
Mira Schendel

Série Itatiaia, 1978

ecoline sobre papel

49 x 25 cm

assinatura inf. dir.



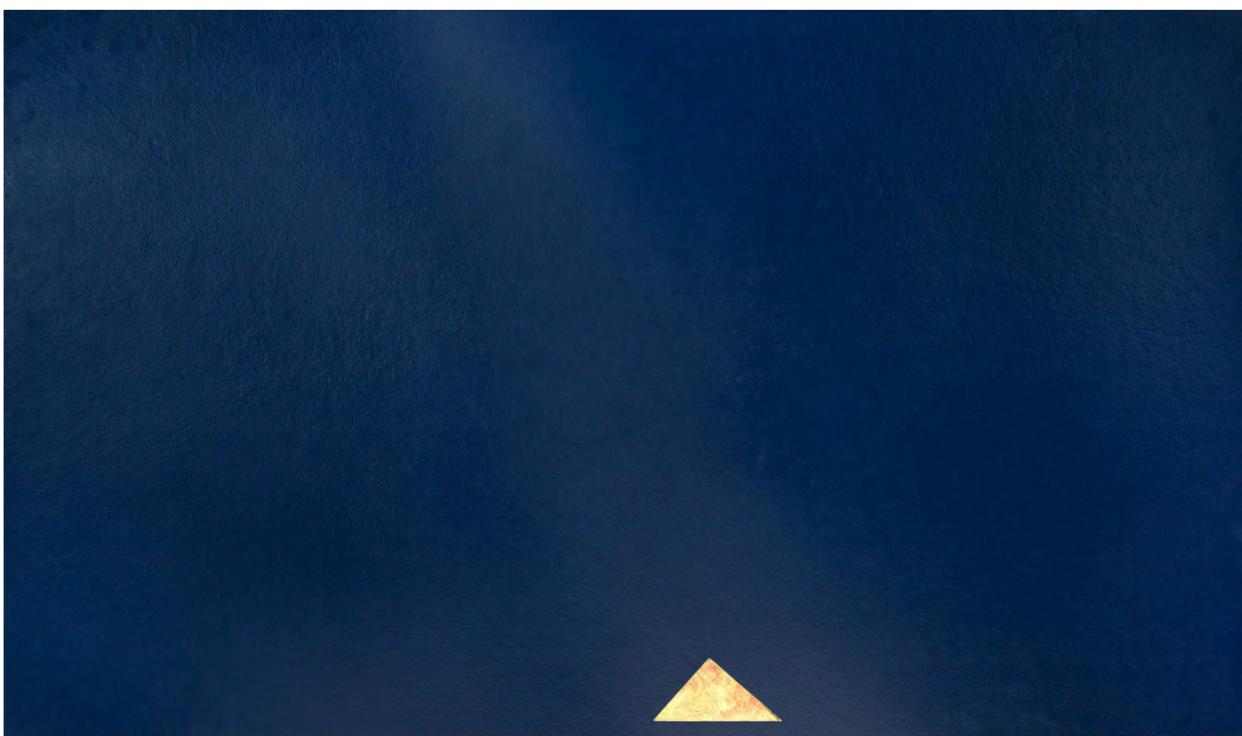
Mira Schendel

Sem Título, 1978

técnica mista sobre papel

40 x 29 cm

assinatura inf. dir.



Mira Schendel

Sem Título, 1985

têmpera e folha de ouro sobre madeira

90 x 150 cm

assinatura no verso

Participou das exposições: Anjos com Armas na Pinakothek São Paulo no período de 21/10/2023 a 16/12/2023; Anjos com Armas na Pinakothek Artes - Rio de Janeiro no período de 16/03/2024 a 01/06/2024. Reproduzida no livro da mostra pág. 70, 84 rep.



Mira Schendel

Sem Título

ecoline sobre papel

40 x 30 cm

[CONFIRA NOSSO PREVIEW](#)

OSGEMEOS



OSGEMEOS

(1974, São Paulo, SP).

Humberto e Fernando Campana. Um arquiteto e um advogado, vindos do interior do Brasil. Eles são um dos principais nomes do design brasileiro e internacional.

Em 1989 criaram o Estúdio Campana. Eles têm um estilo inovador e vanguardista. Seus móveis são criativos, lúdicos e peculiares, que nos levam a reflexões e indagações, utilizando de uma linguagem não convencional.

Os Irmãos têm um viés de sustentabilidade em suas peças. Elas são feitas a partir da reutilização de materiais, como plástico, borracha, bichos de pelúcia, cordas e tijolos. É sobre a ressignificação dos objetos, dando um novo uso para esses materiais. Fernando e Humberto transformam o ordinário em extraordinário.

Para tais realizações, a dupla busca inspirações em técnicas ancestrais de artesanato no Brasil e no mundo.

Seus mobiliários se tornam obras de arte. Os Irmãos Campana são a perfeita união entre arte e design. Suas obras são consideradas exclusivas.

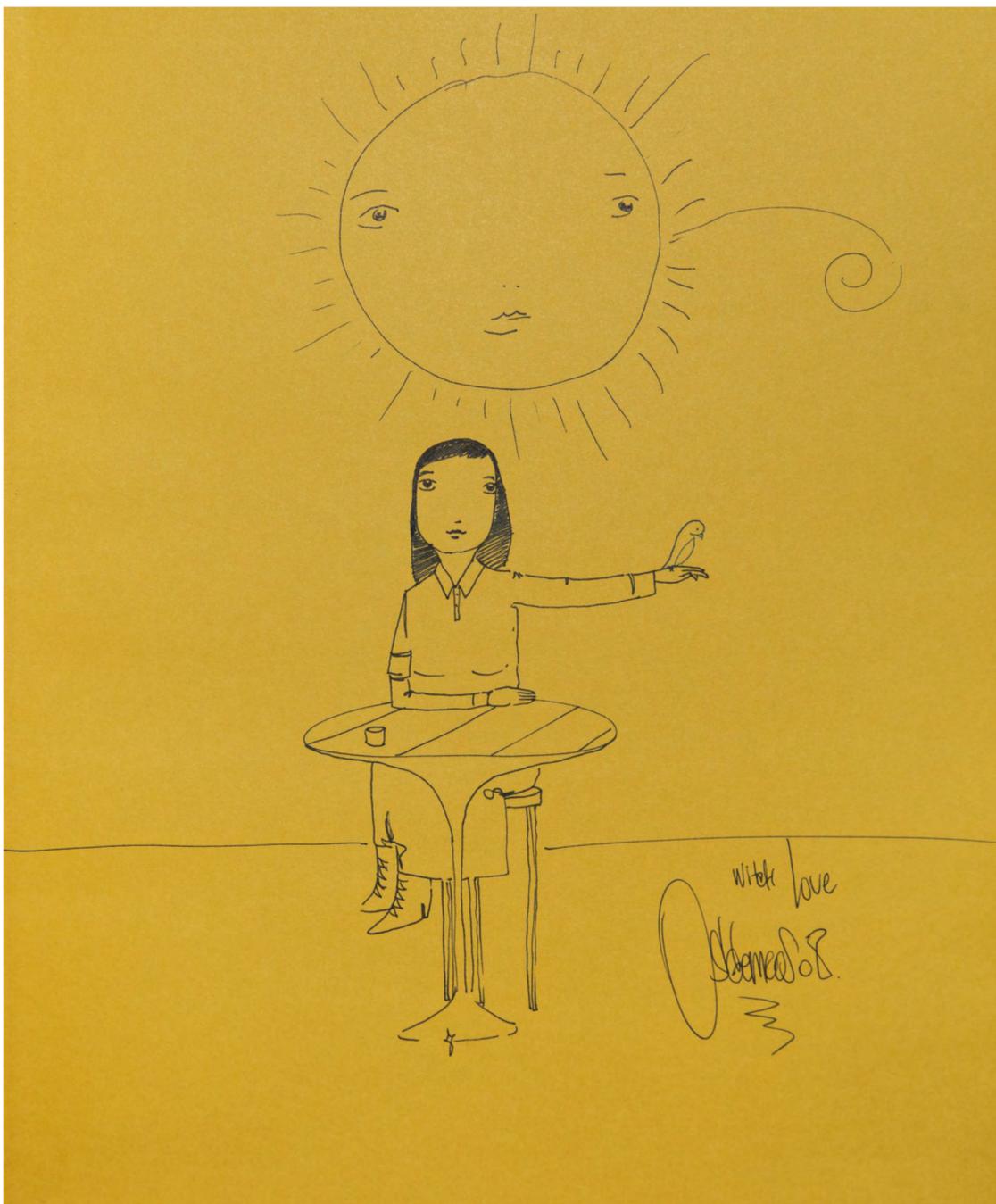
Os Campana possuem um grande reconhecimento internacional. Tanto é que existem peças deles fazendo parte do acervo do MoMa, museu de arte em Nova Iorque.

Ainda assim, o trabalho dos irmãos não se limita apenas a móveis. Eles já fizeram parcerias com marcas como Lacoste, Louis Vuitton e Melissa. Além de já terem feito a decoração do SPFW de 2013.

O trabalho da dupla tem uma expressão única, excepcional. Tem o objetivo de instigar. Ninguém fica indiferente às peças dos Irmãos Campana.

As obras fazem uma crítica à sociedade, que é extremamente industrial, massificada e cheia de desigualdades. As peças se encaixam em ambientes contemporâneos e modernos.

Em 2009 foi criado o Instituto Campana, que tem como objetivo atuar na esfera cultural, social, educacional e ambiental, com atividades mediadas pelo design inspiradas no estilo de Fernando e Humberto. Também procura assegurar a conservação e sobrevivência de técnicas artesanais brasileiras e manter e divulgar o patrimônio artístico da dupla.



Os Gemeos

Assum Preto, 2008

desenho à caneta esferográfica

28 x 24 cm

assinado

desenho a caneta em pagina do livro Assum Preto editado por Galleria Patricia Ormocida. Internamente contem uma gravura de edição de 1000.

[CONFIRA NOSSO PREVIEW](#)

SÉRGIO CAMARGO

SÉRGIO CAMARGO

(Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1930 - idem, 1990).

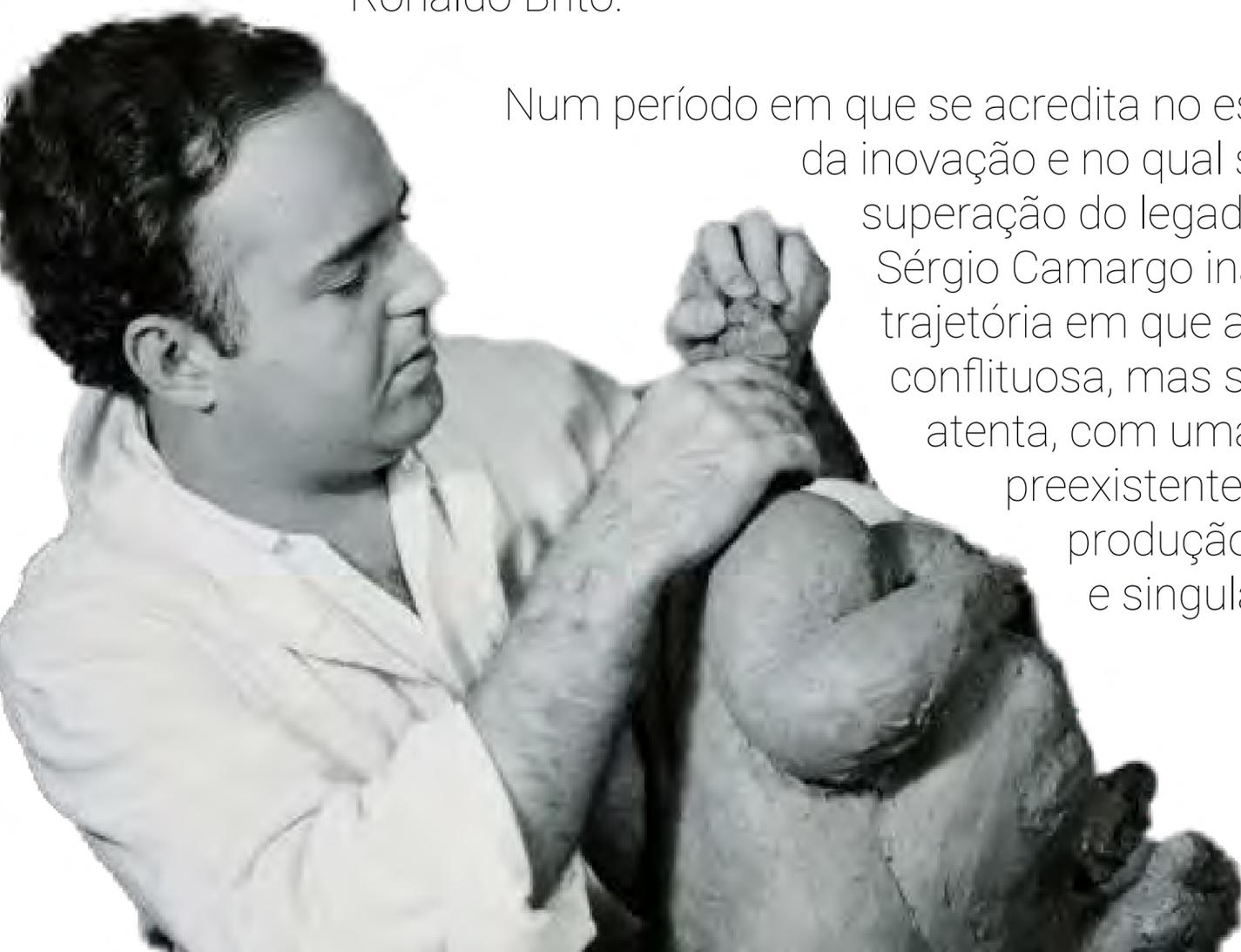
Considerado um dos mais originais artistas brasileiros ligados à vertente construtiva, destaca-se por explorar os limites da forma ao realizar cortes audaciosos nos materiais, em um procedimento por ele denominado “geometria empírica”.

Embora tenha contato com trabalhos da vertente construtiva desde o início da carreira, Sérgio Camargo desenvolve uma obra independente e pessoal, sem filiar-se a qualquer grupo ou movimento. Durante dois anos (1946-1948), estuda na Academia Altamira, em Buenos Aires, onde é orientado pelos artistas argentinos Emilio Pettoruti (1892-1971) e Lucio Fontana (1899-1968). Lá, interessa-se pelo construtivismo da Argentina. Parte para Paris em 1948, onde estuda a obra do escultor romeno Constantin Brancusi (1876-1957) e faz um curso de filosofia na Sorbonne. Nesse período, familiariza-se com as esculturas de Georges Vantongerloo (1886-1965) e Henri Laurens (1885-1954).

De volta ao Brasil, produz em 1954 suas primeiras esculturas figurativas de bronze, nas quais já se evidenciam a preocupação com o volume das obras e a potência dos cortes que ordenam as massas, qualidades fundamentais de seus trabalhos posteriores. Novamente em Paris (1961), frequenta o curso de sociologia da arte ministrado por Pierre Francastel (1905-1970), na École Pratique des Hautes Études, e faz experimentações com gesso, areia e tecido, criando estruturas informes e irregulares.

Mesmo orientada pelo princípio construtivo da coerência e da lucidez integrais, a obra de Camargo não abandona o páthos de aventura característico da lírica moderna, como também observa Ronaldo Brito.

Num período em que se acredita no esgotamento da inovação e no qual se defende a superação do legado moderno, Sérgio Camargo inaugura uma trajetória em que a relação conflituosa, mas sempre atenta, com uma tradição preexistente gera uma produção inovadora e singular.





Sérgio Camargo

Canção do casal em 16 batidas, 1966

relevo de madeira

51 x 60,3 x 1,9 cm

assinado

Certificado de autenticidade do Espólio de Sérgio Camargo assinado por Raquel Arnaud, nº 15633.

CONFIRA NOSSO PREVIEW



SÉRVULO ESMERALDO

SÉRVULO ESMERALDO

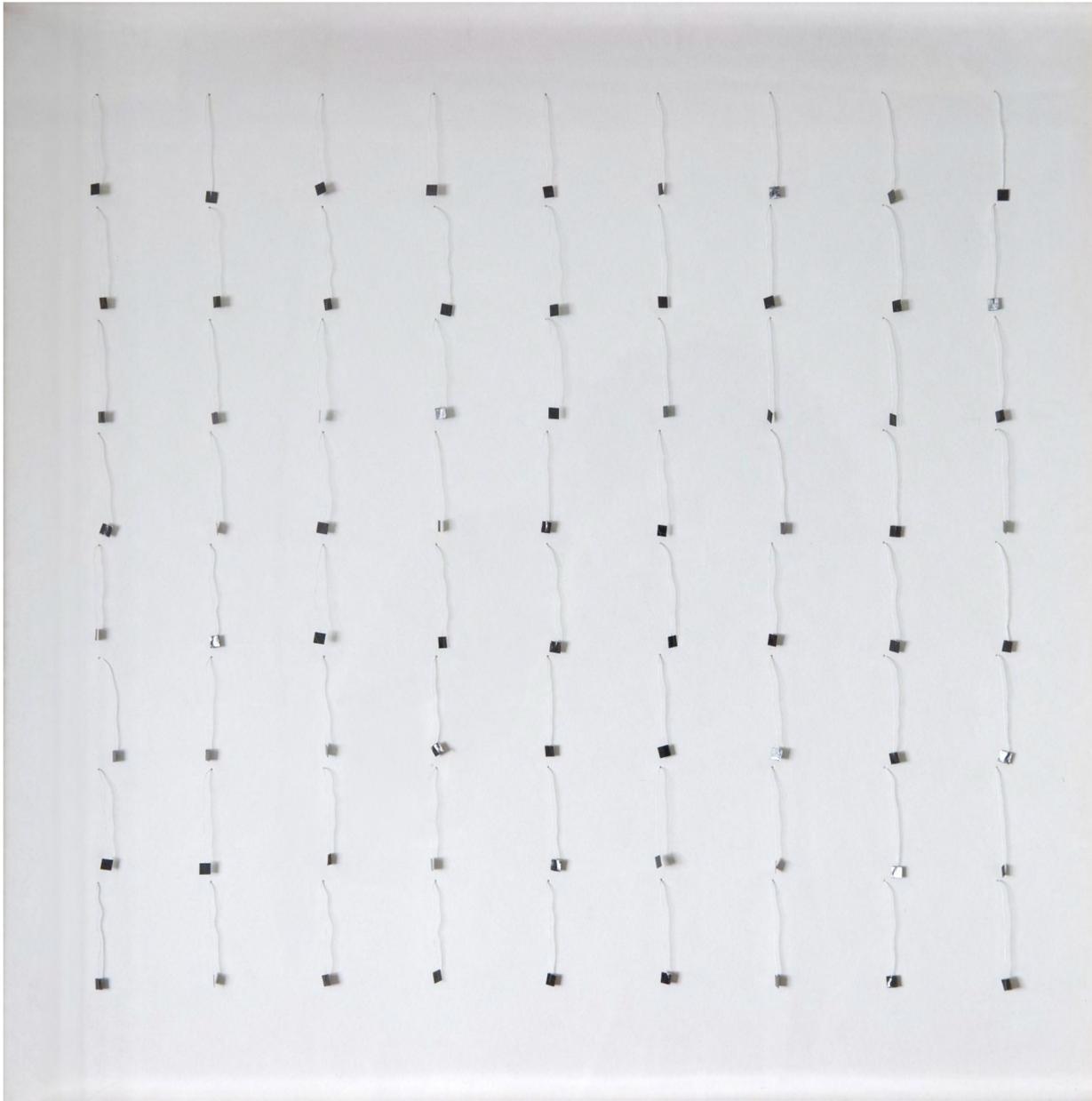
(Crato, Ceará, 1929 - Fortaleza, Ceará, 2017).

Na década de 1950, Sérvulo Esmeraldo desenvolve trabalhos figurativos. Mesmo em seu início conseguimos ver uma vontade de simplificação da figura, Esmeraldo encaminha-se paulatinamente para a abstração, realizando, em 1957, suas primeiras gravuras decididamente abstratas, as quais mantêm estreita relação com a produção de Lívio Abramo.

No mesmo ano, muda-se para Paris, onde frequenta aulas de gravura em metal com Johnny Friedlaender. No início faz trabalhos abstratos e líricos, quase informais. Suas gravuras, como os trabalhos de Friedlaender, são repletas de grafismos. Progressivamente, interessa-se pela produção construtiva e passa a lidar com formas mais regulares. Acompanha a produção dos artistas ligados à arte cinética, como Julio Le Parc (1928) e Jesús Rafael Soto (1923-2005). Na década de 1960, deixa de se dedicar exclusivamente à gravura e passa a experimentar outras linguagens. Em 1962, produz os primeiros trabalhos cinéticos, feitos com ímãs. Dois anos mais tarde, cria os Excitáveis, objetos cinéticos feitos de acrílico, que reagem ao toque do espectador e mudam de cor.

No mesmo período, realiza as primeiras esculturas. Em 1986, idealiza e organiza a 1ª Exposição de Escultura Efêmera de Fortaleza. Na mesma época, cria relevos discretos, a terceira dimensão é sugerida pela interação das faces, embora a obra seja quase plana. Na década de 1990, entre outros trabalhos, faz relevos em que sulca linhas rigorosas em superfícies bidimensionais de aço. Em 2001, radicaliza esse princípio. Trabalha com linhas regulares de aço, com as quais desenha formas geométricas tridimensionais no espaço.





Sérvulo Esmeraldo

"E7144", 1971

madeira, fios e pregos pintados em caixa de vidro acrílico

49 x 49 x 8 cm

assinatura no verso

Da série excitável.



TARSILA DO AMARAL

TARSILA DO AMARAL

(Capivari, São Paulo, 1886 – São Paulo, São Paulo, 1973).

Foi uma pintora e desenhista brasileira, uma das artistas centrais da pintura brasileira e da primeira fase do movimento modernista brasileiro, ao lado de Anita Malfatti. Seu quadro *Abaporu*, de 1928, inaugurou o movimento antropofágico nas artes plásticas.

Juntamente com Candido Portinari, Di Cavalcanti, José Pancetti e alguns outros pintores, Tarsila; dona de referência bibliográfica invejável – creio que sobre ela e sua arte todos os aspectos importantes e menos importantes já tenham sido explorados – faz parte da própria história da arte moderna brasileira.

A 'Caipirinha' vestida por Jean Patou e (Paul) Poiret, viveu a prodigiosa efervescência e a desvairança dos anos 20 no Brasil e na França, e deles tirou grande proveito.



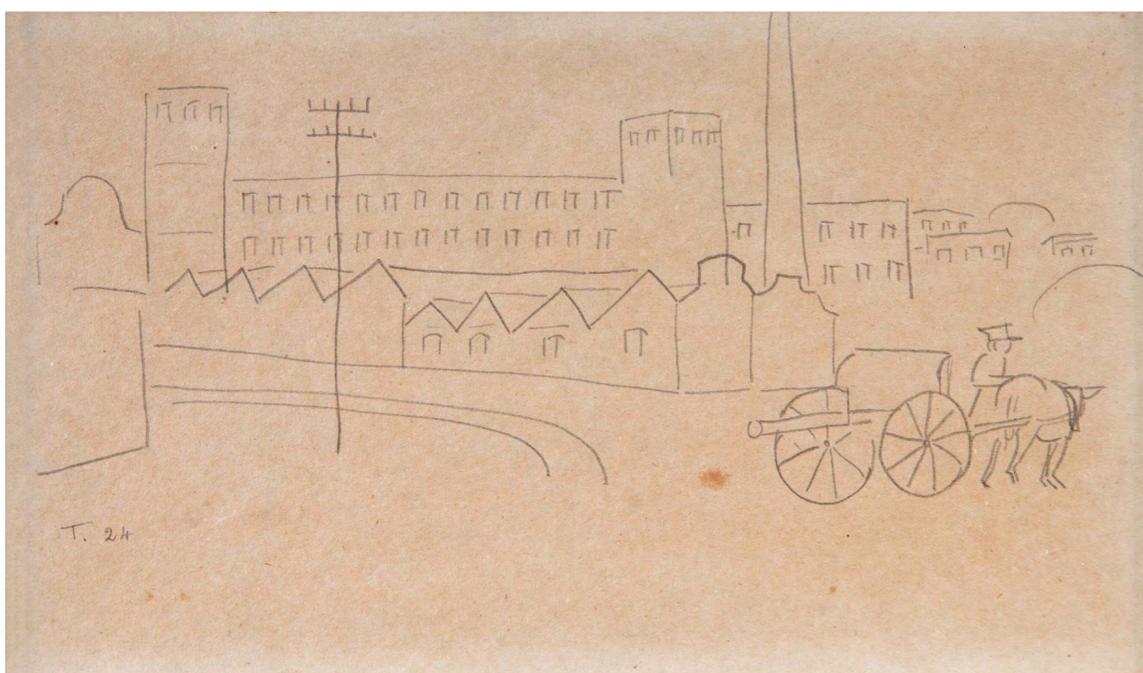
E estudou com William Zadig, Mantovani, Pedro Alexandrino e Georg Elpons, no Brasil; em Paris, com Emile Renard na "Académie Julian", André Lhote, Albert Gleizes e Fernand Léger, o qual exercerá grande influência, em virtude da poética seguida por ambos os artistas incorporarem em suas obras, a dinâmica das transformações industriais na França e no Brasil com suas particulares especificidades.

Relacionou-se com Pablo Picasso cuja obra não a influenciou, viu de perto a produção dos dadaístas e futuristas, pôs-se em contato com Blaise Cendrars, Ambroise Vollard, Eric Satie, Léonce Rosenberg, Jean Cocteau, Jules Supervielle, Jules Romains, Arthur Rubinstein, Maurice Raynal, Paul Morand, Frederic Brancusi e muitos outros.

Aracy A. Amaral e Sônia Salzstein e outros importantes nomes de nossas artes já deram conta do recado.

Seus tons, de intensidade e força absurdas, são reminiscências de infância da pintora nascida em Capivari, interior de São Paulo. Desde então, Tarsila adota de forma quase que rebelde e contestadora, cada colorido excessivo para, assim, melhor representar um país-aquarela.

Engana-se, no entanto, quem acredita ser uma pintora estritamente rural.



Tarsila do Amaral

Cena da Revolução, 1924

grafite sobre papel

13 x 22 cm

assinatura inf. esq.

Frente e verso.

Reproduzido no Raisoné da artista, D138b vol. II pág. 55

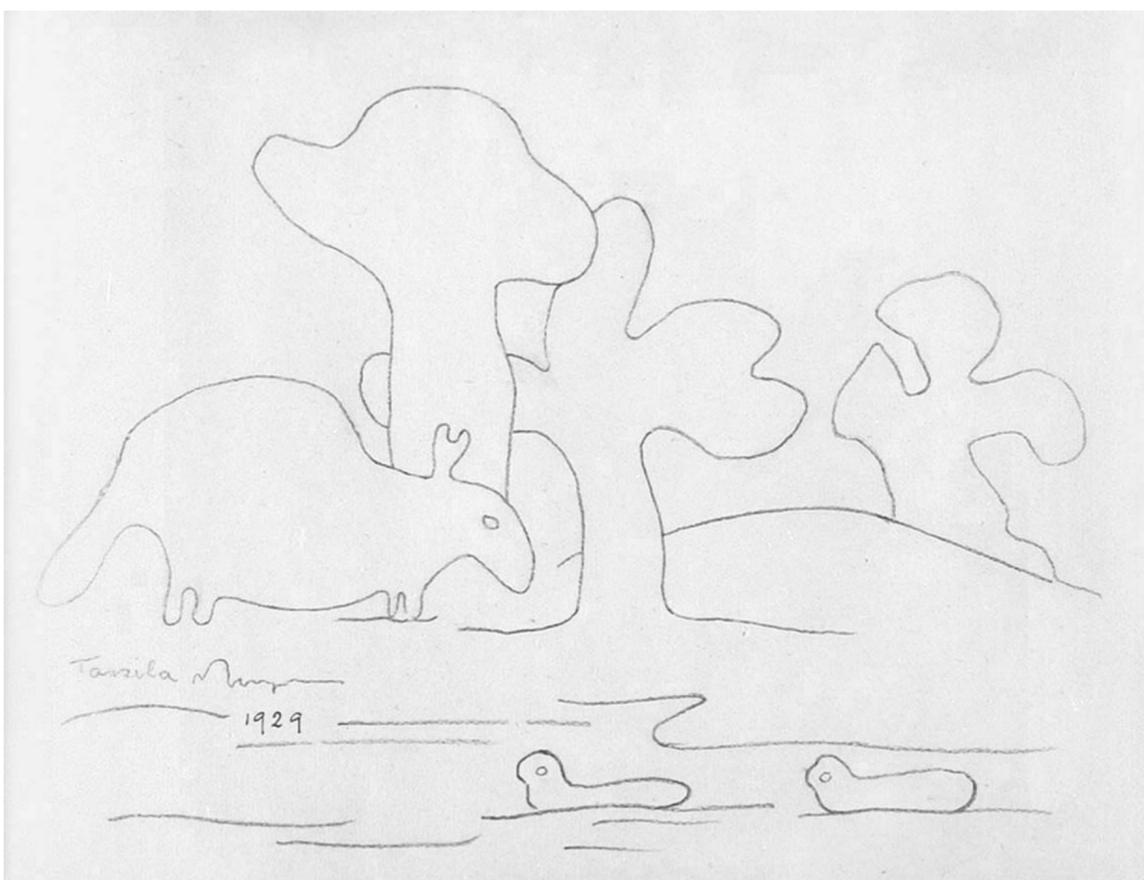
Participou da Exposição "Tarsila Viajante, São Paulo e Buenos Aires em 2008;

Reproduzida no livro A. Amaral 1997a, pág. 128;

Barros, R. 2008 pág. 139

A. Amaral 1969a. pág. 63

A. Amaral 1970a. pág. 20



Tarsila do Amaral

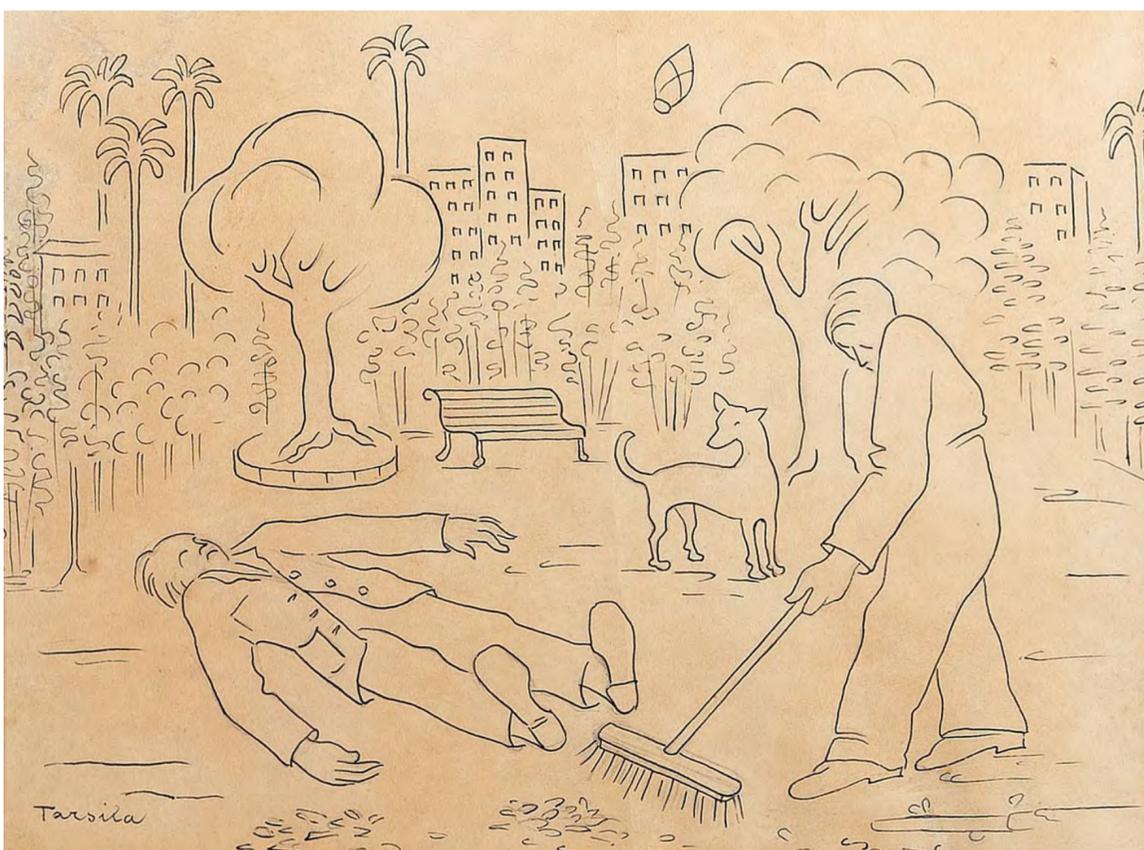
Paisagem Antropofágica, 1929

desenho sobre papel

11 x 15 cm

assinatura inf. esq.

Obra reproduzida no catálogo Raisonée da artista vol. II pág. 99.



Tarsila do Amaral

Versão de ilustração do livro “Antônio Triste”, c. 1947

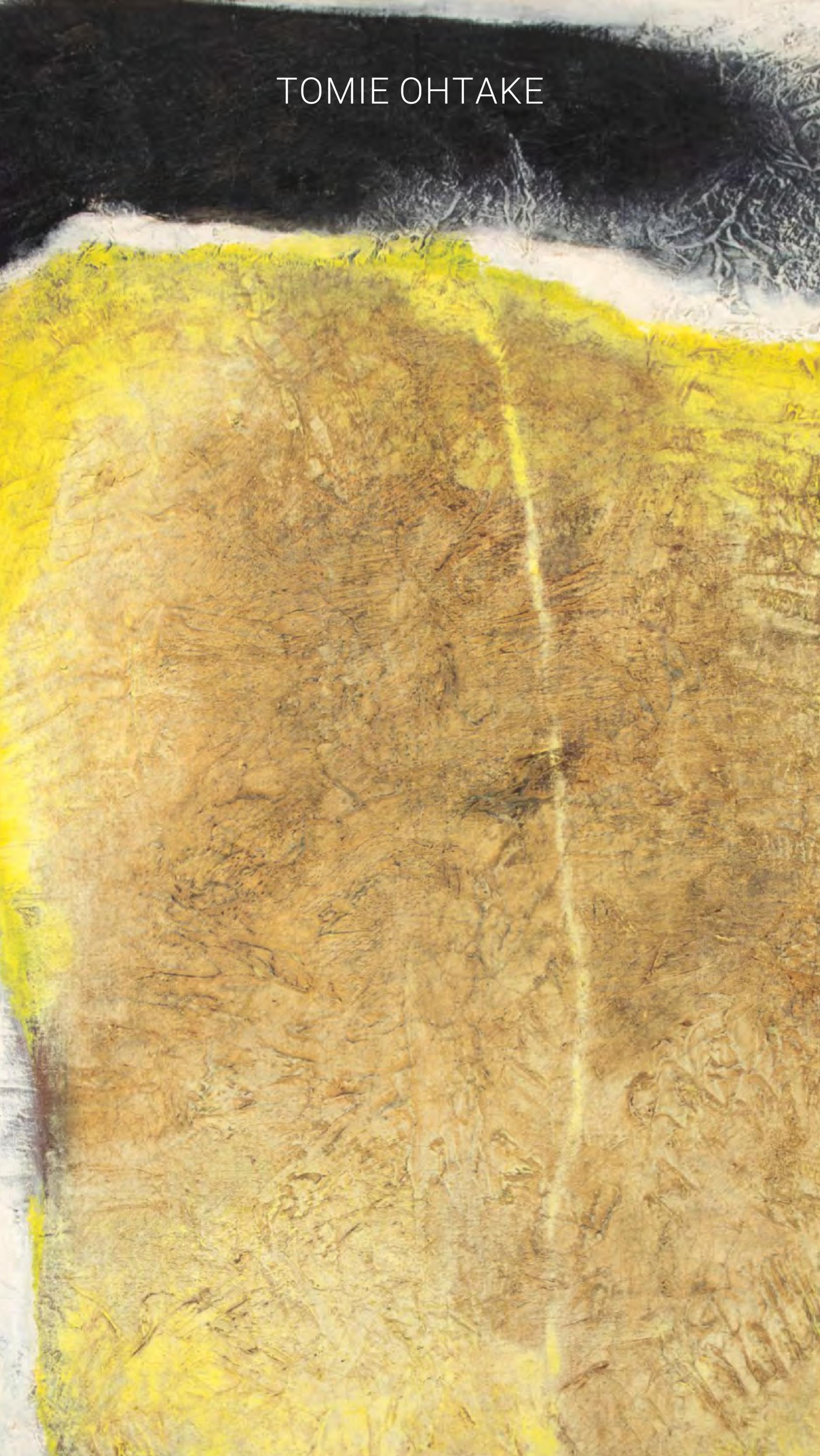
nanquim sobre papel

18 x 25 cm

assinatura inf. esq.

Eitqueta da Galeria Grifo. Ex- coleção Paulo Bonfim. Ilustração para poema Antônio Triste do poeta Paulo Bonfim. Reproduzido no Raisonné Tarsila do Amaral, sob o registro DI170.

TOMIE OHTAKE



TOMIE OHTAKE

(Kyoto, Japão, 1913 – São Paulo, São Paulo, 2015).

Vem para o Brasil em 1936, para visitar um de seus irmãos, é impedida de voltar ao Japão por causa de eventos ligados à Guerra do Pacífico, e fixa-se em São Paulo. Em 1952, inicia-se em pintura com o artista Keisuke Sugano (1909-1963). No ano seguinte, integra o Grupo Seibi, do qual participam Manabu Mabe (1924-1997), Tikashi Fukushima (1920-2001), Flavio-Shiró (1928), Tadashi Kaminagai (1899-1982), entre outros artistas. Após breve passagem pela arte figurativa, Ohtake explora o abstracionismo.

No início da década de 1960, emprega uma gama cromática reduzida, com predominância de duas ou três cores, o que leva o olhar do espectador a percorrer superfícies em telas que muitas vezes remetem à sensação de nebulosidade. A pulsação obtida nas telas da artista, por meio do uso das cores e dos refinados jogos de equilíbrio, revela afinidade com a obra do pintor estadunidense Mark Rothko (1903-1970).

Na década de 1980, passa a utilizar uma gama cromática mais intensa e contrastante. Dedicar-se também à escultura e realiza, por exemplo, a Estrela do mar (1985), colocada na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro. Em 1995, recebe o Prêmio Nacional de Artes Plásticas do Ministério da Cultura – Minc. E em 2000, é criado o Instituto Tomie Ohtake, importante centro cultural da capital paulista.





Tomie Ohtake

Sem Título, 1964

óleo sobre tela

100 x 75 cm

assinatura inf. esq.

Registro no Instituto Tomie Ohtake sob nº: P- 64 -13.

[CONFIRA NOSSO PREVIEW](#)

TUNGA



TUNGA

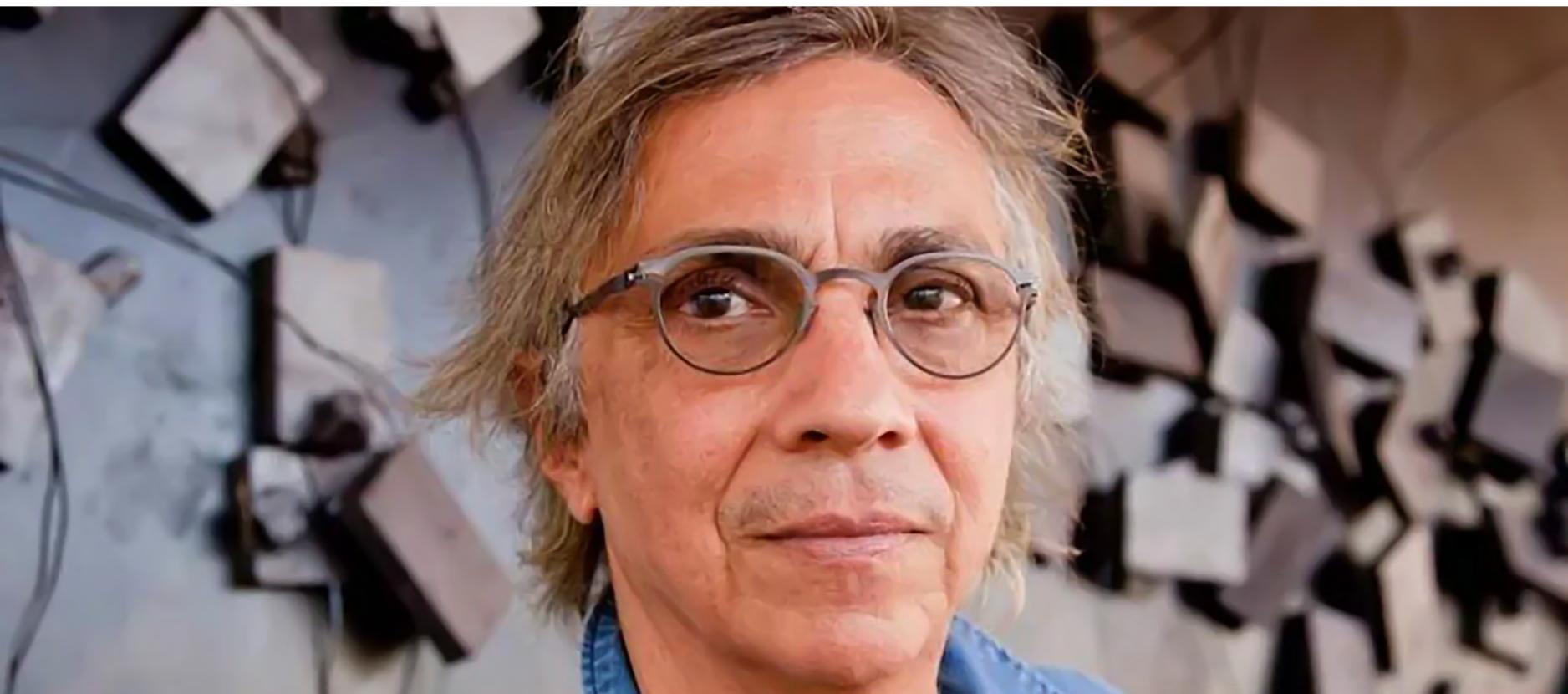
(Palmares, Pernambuco, 1952 – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016).

Escultor, desenhista e artista performático. Torna os objetos utilizados em suas obras elementos de performance, criando analogias entre corpo e escultura.

Muda-se para o Rio de Janeiro e, na década de 1970, inicia sua obra, que se aproxima da produção de artistas de diferentes vertentes da arte contemporânea brasileira, como Cildo Meireles (1948), Waltercio Caldas (1946) e José Resende (1945). A relação entre representação, linguagem e realidade, tema-chave para essa geração de artistas, está presente em muitos dos trabalhos do escultor. Neles, corpo e desejo tornam-se componentes ativos da investigação, na qual são incluídos itens de outras áreas de conhecimento, como literatura, filosofia, psicanálise, teatro, matemática, física e biologia.

Ao construir sua obra, Tunga opera no cruzamento entre objeto, performance e texto. Suas esculturas constroem narrativas, das quais os textos são componentes. Além disso, os objetos utilizados em performances figuram como agentes detonadores de processos. Mesmo em espaços expositivos, os objetos assumem dimensão performática, como resíduos ou dejetos de determinada ação deixados no ambiente. O artista chama esses objetos de “instaurações”, uma imbricação entre as categorias artísticas de “ação” – pertencente ao universo da performance e do teatro – e “instalação” – objetos montados em espaço expositivo –, de modo a incluí-los como parte da experiência artística.

A noção de sistema contínuo permite compreender que a dimensão simbólica dos objetos de Tunga não conduz à ideia de um todo uniforme, do qual cada peça individual é parte. Antes, cada peça, cada texto e cada ação remetem a uma produção contínua de formas e narrativas, que se prolongam sem princípio ou finalidade evidentes.



Os sistemas contínuos de Tunga têm uma origem: o espaço fantasmático entre corpo e psique. Esse espaço obedece a temporalidade e espacialidade singulares, dominadas por pulsões eróticas e combinações inconscientes.

Tunga é um dos primeiros artistas contemporâneos a expor no Museu do Louvre, Paris, com a obra *À Luz de Dois Mundos* (2005). Mais tarde, em 2012, inaugura espaço dedicado à sua produção, a Galeria Psicoativa, localizada no Instituto Inhotim, na cidade de Brumadinho, Minas Gerais. Suas obras integram importantes acervos de museus nacionais e internacionais.



Tunga

Sem título (da série *Em noite escura*), 1980/88
vidro fundido, borracha e imã
60 x 53 x 46 cm

VICTOR BRECHERET



VICTOR BRECHERET

(São Paulo SP 1894 - idem 1955)

Nascido “Vittorio Breheret” (sem a letra ‘c’ no sobrenome) numa pequena localidade não distante de Roma, filho de Augusto Breheret e Paolina Nanni, esta última falecida quando o pequeno Vittorio tinha apenas seis anos de idade. Foi abrigado pela família do tio materno, Enrico Nanni, e com sua família emigrou para o Brasil ainda na infância.

No Brasil, tornou-se “Victor Brecheret” e já com mais de trinta anos de idade recorreu à Justiça para inscrever seu registro nascimento tardiamente no Registro Civil do Jardim América (município de São Paulo). Assim Brecheret consolidava a sua nacionalidade brasileira, embora tivesse nascido na Itália. Este tipo de “regularização” era muito comum entre imigrantes italianos na primeira metade do século XX no Brasil.

Inicia formação artística em 1912, estudando desenho, modelagem e entalhe em madeira no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo (Laosp). De 1913 a 1919, viaja a estudo para Roma, onde é aluno do escultor Arturo Dazzi (1881-1966). Retorna a São Paulo e instala ateliê no Palácio das Indústrias, em sala cedida por Ramos de Azevedo (1851-1928). É descoberto pelos modernistas Di Cavalcanti (1897-1976), Hélios Seelinger (1878-1965), Menotti del Picchia (1892-1988), Mário de Andrade (1893-1945) e Oswald de Andrade (1890-1954), que passam a divulgar sua obra. Em 1921, com bolsa de estudo do Pensionato Artístico do Estado de São Paulo, viaja a Paris. Na capital francesa, entra em contato com os escultores Henry Moore (1898-1986), Emile Antoine Bourdelle (1861-1929), Aristide Maillol (1861-1944) e Constantin Brancusi (1876-1957). Alterna sua estada entre França e Brasil até 1936. Entre 1921 e 1929, expõe no Salon d'Automne, no Salon de la Société des Artistes Français - Section de Sculpture et Gravure sur Pierre e no Salon des Indépendents. Mesmo ausente do país, participa com 12 esculturas da Semana de Arte Moderna de 1922. Em 1932, torna-se sócio-fundador da Sociedade Pró-Arte Moderna (Spam). Inicia, em 1936, a execução do Monumento às Bandeiras, cujo anteprojeto data de 1920 e que é inaugurado em 1953 na Praça



Armando Salles de Oliveira, em São Paulo. Nos anos 1940 e 1950, realiza esculturas para locais públicos, fachadas e baixos-relevos, entre outras obras. Nesse período, ponto alto da carreira do artista, retrata as figuras e os costumes da cultura indígena brasileira em terracota, bronze e pedra com incisões.



Victor Brecheret

Couple de colombes enlacées, 1923/1924

mó [Millstone]

39 x 33 x 14 cm

assinatura na peça

Exposições:

Victor Brecheret, modernista brasileiro (cur. Jacob Klintowitz), Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, 1995.

Livros:

Daisy Peccinini. Brecheret e a escola de Paris. São Paulo: Institut

Victor Brecheret / FM Editorial, 2011 na pág. 59.

Jacob Klintowitz. Victor Brecheret, modernista brasileiro. São Paulo:

MD Comunicação, Ed. de Arte, 1994 na pág. 116.



WILLYS DE CASTRO

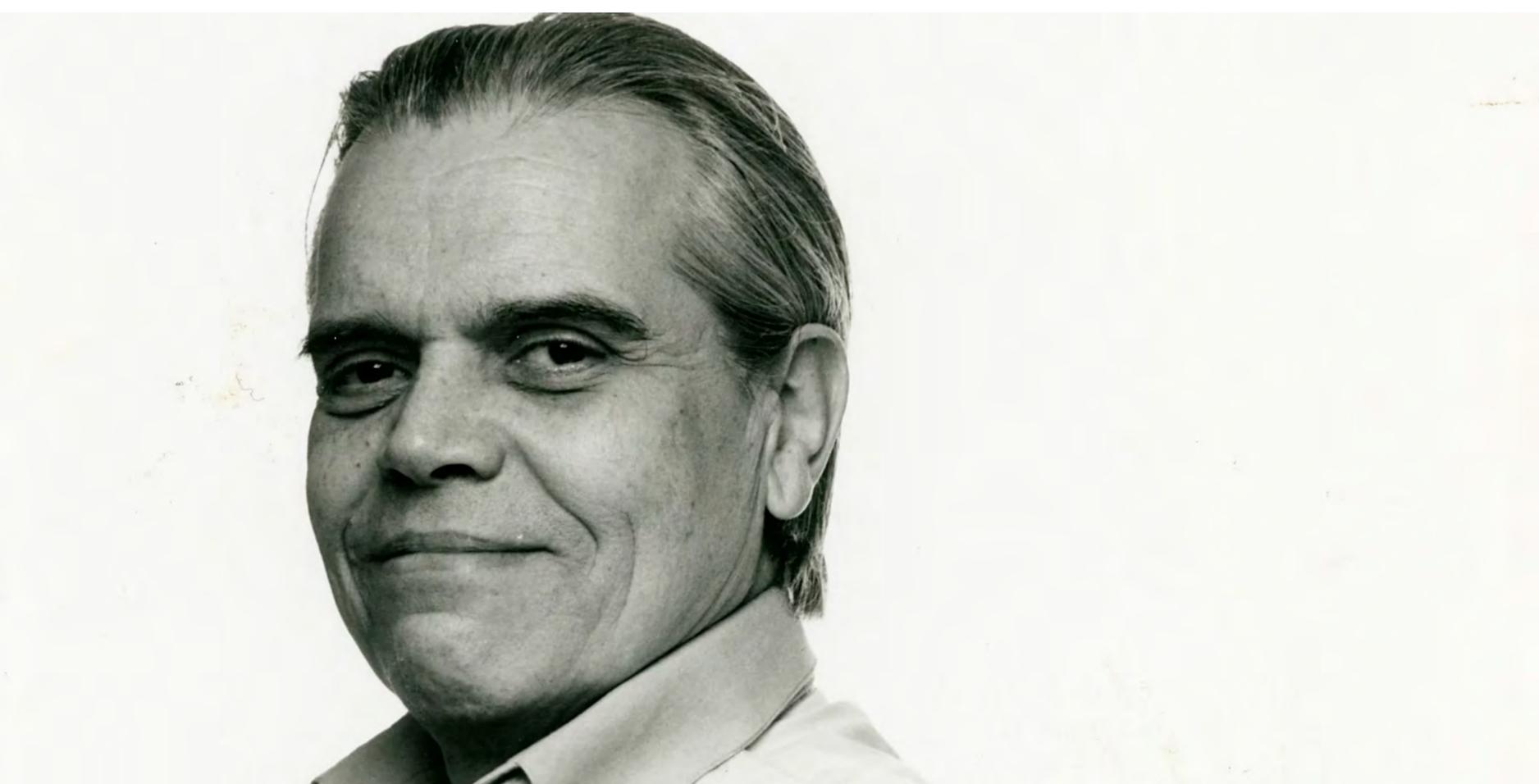
[CONFIRA NOSSO PREVIEW](#)

WILLYS DE CASTRO

(Uberlândia MG 1926 - São Paulo SP 1988).

Pintor, gravador, desenhista, cenógrafo, figurinista, artista gráfico. Muda-se para São Paulo em 1941, onde estuda desenho com André Fort.

Willys realiza suas primeiras pinturas no fim da década de 1940 e, a partir de 1950, trabalha com abstração geométrica. Em 1954, funda com o artista Hércules Barsotti (1914) o Estúdio de Projetos Gráficos, no qual trabalha até 1964. Dedicase à programação visual e a projetos de padronagens para tecidos. Nas décadas de 1950 e 1960 trabalha também na confecção de cenários e figurinos para teatro.



A produção do artista, na segunda metade da década de 1950, relaciona-se à dos artistas do movimento concreto. Denomina suas obras simplesmente de Pinturas, numerando-as ou indicando tratar-se de segunda ou terceira versão. Trabalha com um número deliberadamente restrito de questões: equilíbrio, tensionamento e instabilidade.

Willys de Castro explora sutilíssimas relações entre forma, cor, espaço e tempo. É um dos mais notáveis participantes do movimento neoconcreto e destaca-se por pesquisas que o levaram a ser um dos pioneiros a romper com a utilização da superfície bidimensional da tela como suporte para a linguagem pictórica. Os Objetos Ativos, para o crítico de arte Frederico Morais, são a sua maior contribuição à arte construtiva brasileira.

CONFIRA NOSSO PREVIEW



Willys de Castro

Pluri-objeto, 1980/88

latão e cobre

100 x 11 x 13 cm

assinatura no verso

Reproduzido no livro "Willys de Castro" de Roberto Conduru, Cosacnaify, 2005, na pág. 143. Tiragem de 10 exemplares.



Willys de Castro

Pluriobjeto A6

acrílico sobre madeira de cedro polida

100 x 7 x 7 cm

assinatura na peça

Inscrição no verso: "Obra do Willys de Castro autenticada por Hércules Barsotti."

Exemplar nº 1/10.



Galeria Frente

R. Dr. Melo Alves, 400
Cerqueira Cesar - São Paulo / SP
CEP 01417-010

Horário de atendimento:

Segunda a Sexta das 09:00 as 19:00
Sábado das 10:00 às 14:00

galeriafrente@galeriafrente.com.br

(11) 3064-7575 | 3578-5919
(11) 99535-6109

CONFIRA NOSSO PREVIEW

www.galeriafrente.com.br

 @galeriafrente  /galeriafrente